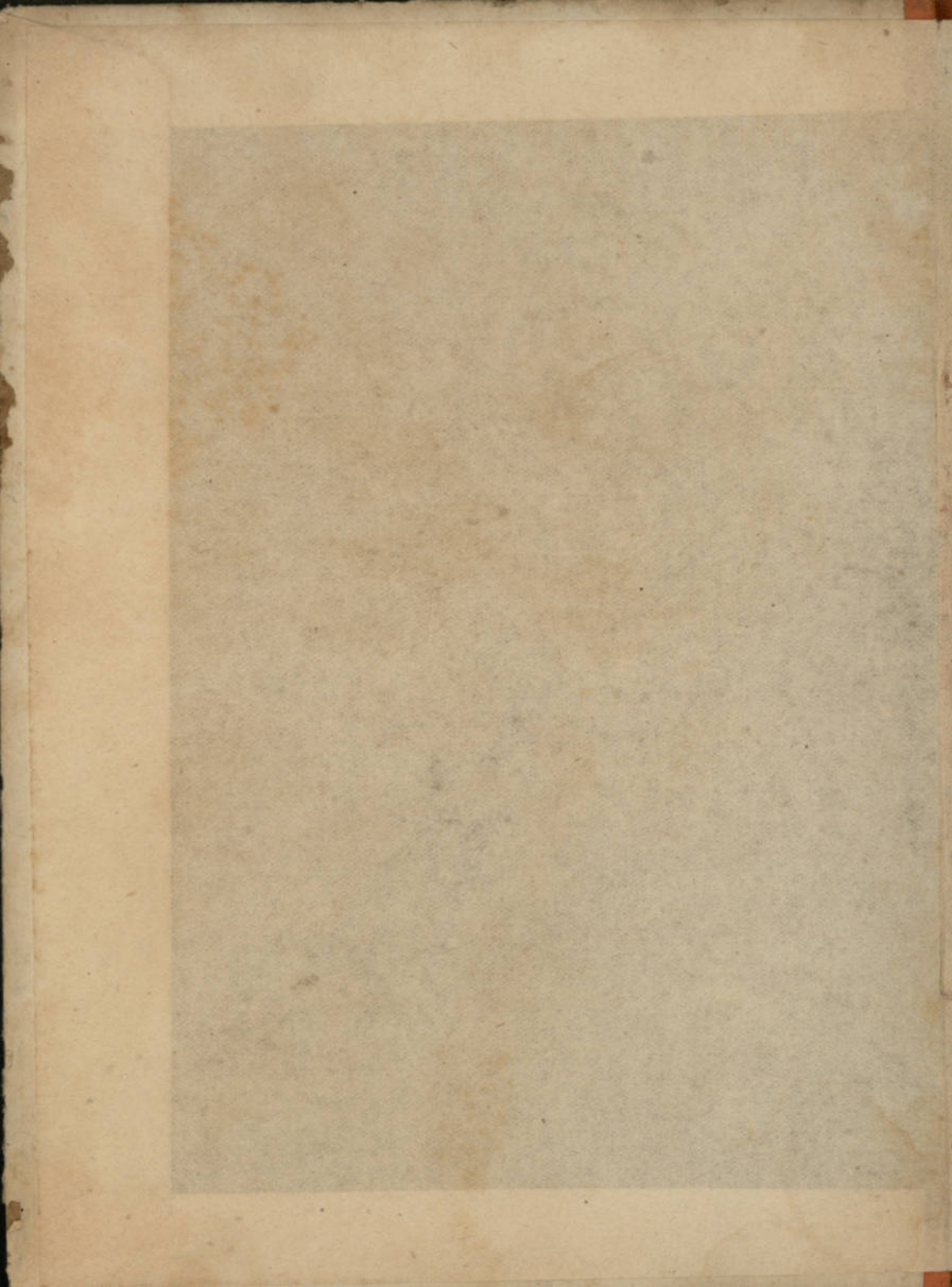


A
FADA LOIRAMARIA
O'NEILPARCERIA A.M. PEREIRA
LIVRARIA EDITORA-LISBOA




6
15-3-80

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

A FADA LOIRA


*** TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA ***
RUA AUGUSTA, 44 A 45. LISBOA





BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

A FADA LOIRA



*** TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTÓNIO MARIA PEREIRA ***
RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Horas de folga.
- 2 — Recreações infantis.
- 3 — Para ler nas férias.
- 4 — Por bom caminho.
- 5 — Para divertir.
- 6 — Alegrias.
- 7 — Histórias famosas.
- 8 — A fada loira.
- 9 — Contos da mamã.
- 10 — Para rir e pasmar.
- 11 — Feitos gloriosos.
- 12 — As ideias de Mimi.
- 13 — Proezas dum valentão.
- 14 — Maurício e Beatriz.
- 15 — Os bonecos de Joaninha.
- 16 — O Animatógrafo.

BIBLIOTECA NACIONAL
Conservação da Propriedade Literária
LISBOA

Dep. 25. June 26 83.
Q. n.º 54. Insc. A 2

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

POR

MARIA O'NEILL

3. 1926
L. 15530
N.º 22396

A FADA LOIRA

R. P. L.
5-5-13

CONTOS

ILUSTRAÇÕES DE SANTOS SILVA



3.ª EDIÇÃO

1926

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

22
23

to
the
the
the

A FADA LOIRA

COLEÇÃO

BRASILIANA

1940

1940

1940

PARTE DA BIBLIOTECA NACIONAL

1940

1940

1940



A FADA LOIRA

I

Numas ilhas remotas, em país onde lavrava a desordem e a desunião, via o povo, com tristeza de raros, que se tinha perdido a pouco e pouco o patriotismo e tôdas as nobres qualidades que são apnágio dos fortes. Imperava ali um egoismo desenfreado, o que equivale a dizer, que cada um tratava de si sem se importar com os outros, parecendo-lhes assim, que, não pensando e não atendendo senão ás próprias necessidades, levariam vida mais regalada e duradoira. Os negócios do Estado iam de mal em pior, e mas, quem se importava com isso?

O Estado era de todos e não era de nenhum, portanto o melhor que havia a fazer era tirar dêle o proveito que se pudesse e não pensar senão em o utilizar,

tanto quanto fôsse possível, sem lhe ser útil de graça, o que seria rematada estupidez. Postas as cousas neste pé, é fácil ver que se caminhava indubitavelmente para a ruína, e não era preciso ser bruxo para se adivinhar que a perda da nacionalidade não se faria esperar. Esta idea, longe de contristar aquella gente pervertida, enchia de regosijo. ¿Que lhes importava a êles a independência? Nada. O bem estar individual é que era necessário garantir. Mas, como tôda a regra tem excepção, havia naquele país um rapazinho de 15 anos, que fôra educado no campo por um velho cura da aldeia, e, longe das más companhias da sociedade, crescia na admiração dos mártires do cristianismo e até daqueles que, pagãos, tinham cultivado o bem e o belo. O santo velho que o educava, dizia-lhe sorrindo:

— Filho, o homem está nos actos e não nas palavras. ¿Que serve falar bem e proceder mal? Não prometas a Deus ser bom porque podes não ter ânimo de cumprir a promessa e faltarás à tua palavra, mas empenha-te em exceder em bondade o teu semelhante para lhe sêres mais prestavel a êle do que êle a ti e, sem nada prometer procura cumprir mais do que se tivesses prometido. A liberdade valoriza a acção: sê livre e serás grande e bom. Não te deixes arrastar pelas ideas alheias. Lembra-te de que Deus nos tornará responsável dos próprios actos e nos deu razão e consciência para examinar os próprios erros. ¿Dê que serve o perdão alheio se a nossa própria

consciência nos negar piedade? No coração do homem, filho, há dois amores que devem ser superiores a tudo: *Deus e Pátria*. Por êles são justos todos os sacrificios, e dar a vida é honra e glória muito para estimar. Assim educado, o nosso aldeão não conhecia o egoismo da propriedade, nem percebia a vantagem e o prazer de ter uma cousa só para si, como se verá pelo breve episódio que lhes vou descrever:

No passal do cura havia uns canteiros muito cuidados, ornados de deliciosos morangos. O cura dizia a Guilherme:

— Podes comê-los logo que estejam maduros.

Com effeito, assim que os morangos estavam bons, Guilherme colhia-os e fazia montinhos de seis que repartia pelos pequenos mais pobres da freguezia.

Um daqueles que êle costumava brindar, disse-lhe um dia:

— Tu és tolo, Guilherme.

— Porquê? perguntou o rapazinho.

— Porque podias fartar-te comendo os morangos todos e para repartires connosco só comes seis.

Êle sorriu e, sem se doer da ingratidão, volveu-lhe mansamente:

— Se eu me fartasse podia ter uma indigestão e aborrecer os morangos, o que, além duma brutalidade, podia ser um prejuízo. Repartindo os morangos por vocês, não os enjôo e tenho a satisfação de lhes ter proporcionado um prazer.

Por isto verão os leitores que bom coração tinha êste digno rapaz.

Uma tarde, estava êle deitado na terra lendo os feitos heróicos do grande general que tornara independente o seu país, depois de longa e aturada escravidão e, enquanto lia lançava de espaço a espaço um olhar vigilante às ovelhas que estava encarregado de apascentar. Pareceu-lhe que uma delas, a mais branca e bonita, ao aproximar-se da beira da água, recuara assustada como se tivesse visto qualquer cousa que a impedisse de beber.

Cuidadoso e cumpridor do seu dever, Guilherme poisou o livro na relva e, cravando no chão o pau ferrado, ergueu-se e foi ver o que tinha impedido o animal de beber. Mas ao chegar ao sítio onde estava a ovelha, recuou, não menos atemorizado do que ela.

Comtudo, passando as mãos pelos olhos e fazendo um grande esforço de vontade, Guilherme aproximou-se de novo e debruçou-se sôbre a corrente.

A água tornara-se transparente a ponto de se verem as areias doiradas no fundo do rio e aí, sentada sob uma pedra musgosa, estava uma linda figura de mulher, vestida de branco, com bastos e sedosos cabelos, soltos ao longo das espáduas.

A cabeça pendia-lhe entre as mãos e os seus soluços eram fortes a ponto de a fazerem estremecer convulsivamente.

Três vezes o pequeno pastor lhe perguntou inquieto:



— Não a deixarei ir embora... (Pag. 10)

— Menina! menina! ¿o que tem?
Ela não respondeu, mas á terceira vez ergueu a

cabeça, fitou nele um demorado olhar, e, agitando as águas com a mão, turvou-as a ponto de desaparecer aos olhos espantados do mancebo. Quando as águas volveram á serenidade, a linda mulher loira já não estava no fundo do rio.

Guilherme recolheu o gado mais cedo do que costumava e, logo que chegou a casa, contou ao seu bemfeitor o que presenciara. O cura escutou-o com um sorriso benévolo e, quando êle terminou disse-lhe:

— Isso, meu filho, não tem importância. Tens os nervos doentes, é o que é.

Mas no dia imediato, tendo-se repetido a mesma scena, Guilherme calou-se e resolveu adquirir a certeza de que não era uma alucinação dos sentidos, mas uma realidade.

Voltou ainda no outro dia e, em vez de perguntar « *Menina, menina ¿ o que tem?* » lançou-se à água e, agarrando a jovem pela cintura, trouxe-a para terra e pousou-a no chão junto duma árvore afirmando-lhe com doçura:

— Não a deixarei ir embora sem que me diga porque chora e quem é.

Ela limpou os olhos e, fitando o mancebo com interesse, volveu-lhe:

— ¿ Guardarás segredo de quanto te confiar? Juras?

— Senhora, as minhas palavras valem juramentos. Eu não sei mentir.

— Caso raro numa terra onde ninguém fala ver-

dade, onde se deturpam os factos ao sabor das conveniências individuais, e onde a lei é letra morta.

— Dizeis muito mal da nossa terra, senhora, e bem que verdade seja o que dizeis, pesa-me ouvi-lo, como pesa a um filho ouvir censurar a própria mãe.

— Tens razão. Pois bem, serei franca contigo. Sinto que não me trairás. A terra que nos é mãe foi sempre a melhor do mundo; é productiva, é rica, saudável, boa, numa palavra é perfeita; mas os seus filhos, a que chamam vulgarmente a *nação*, fazem-na passar por tudo que não é, e ela, triste, abatida, vilipendiada, está em vésperas de cair nas mãos cubiçosas dos estrangeiros, que a pizarão sem amor, que a tratarão como um senhor trata a escrava.

— Nunca! bradou Guilherme impellido por uma fôrça sobrenatural. Nunca, enquanto eu viver, o inimigo chamará sua à terra de meus pais!

— Mas quem és tu? disse ela com ironia.

— Um pobre pequeno, um simples pastor. . .
; Mas quem era Joana d'Arc?

— Que podes tu só contra uma nação inteira?

— Senhora, a minha pequenês é grande e bem se mostra; mas a alma é vasta como o oceano e capaz de, como êle, cumprir grandes cousas. Em Portugal, país pequeno, mas altivo e nobre, alguém houve também, — não era humilde como eu, mas era um homem só, — que, indignado perguntou se haveria quem

..... por nenhum respeito
O próprio reino queira ver sujeito?

«Canta-o lindamente, em sublimes oitavas, o grande Camões, que diz ainda:

E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante mêdo que tomastes
Atai as mãos ao vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

— ; E resistiu?

— Sim, mas não só. A sua palavra inflamou o povo cuja coragem estava arrefecida por uma longa paz. Êste homem era Nuno Alvares Pereira, que foi *um verdadeiro açoute* para os castelhanos. Pois bem, será êle o meu modêlo, irei buscá-lo à história dêsse país cuja grandeza assombra o mundo, e tenho fé, senhora, que, apesar de ser um pequeno pastor, terá fôrças para arrancar às mãos do estrangeiro a independência da Pátria. Agora, menina ou senhora — não sei qual nome melhor vos caiba, tanta é a juventude e a majestade do vosso aspecto, — dizei-me: ; quem sois?

— Eu sou a alma desta terra que, sob a forma infeliz dum corpo de mulher, procuro acordar no espirito dos bons o antigo amor que me tinham e que um mal entendido egoismo deixou findar. ; Pois eu hei de me ver calcada por estranhos, conquistada, escravidada! Eu que tinha orgulho em que a espada na mão

dos meus filhos era, depois do raio nas mãos de Deus, a arma mais terrível do mundo! Mas vê a que cheguei! Ha tantos homens na terra e é junto de ti, criança, que eu venho dar expansão à minha dor. Tomas gostosamente a missão de que eu não tinha ânimo de te encarregar. Vai e sê feliz! Dois dons apenas te posso conceder por agora. Não te deixar nunca prender sem te pôr imediatamente em liberdade e onde te convier, e fazer com que a morte te não procure enquanto andares ao meu serviço. Sempre que te vires ameaçado, exclama: *Alma da terra em que nasci! acode aqui.* E serás prontamente socorrido por mim.

— Mas ver-te-hei sempre sob êsse aspecto?

— Sempre, quando eu precisar comunicar contigo. Adeus. Não te dou conselhos. Agora, espera. O meu filho Rio tem algumas cousas que te deseja oferecer, porque está convencido, ha muito, de que, sem elas, se não pode encaminhar bem no mundo qualquer causa.

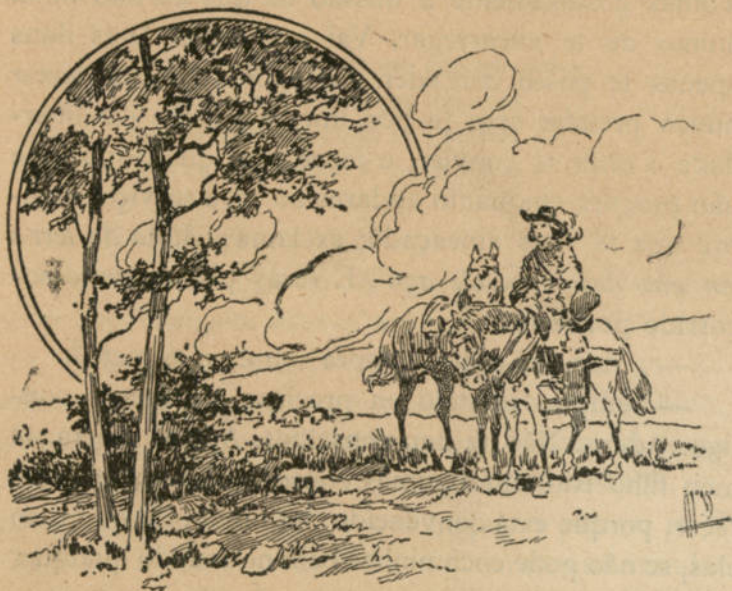
Deu a mão a beijar ao camponês e desceu ao fundo do rio. As águas turvaram-se, agitando-se muito e a fada loira desapareceu aos olhos encantados do mancebo; momentos depois, na margem do rio surgiram dois cavalos, uma armadura completa, fato, dois sacos com dinheiro e um pagem.

Como acordando dum sonho, Guilherme perguntou aflicto:

— E as ovelhas? Que farei eu delas?

Então uma voz suave e profunda, saindo das entranhas da terra, exclamou:

— Se já antes de partir te prendes com as ovelhas que fará ao surgirem obstáculos reais? Quem não



... surgiram dois cavalos... (Pag. 13)

deixa tudo por mim, não é digno de ser chamado meu filho. As ovelhas continuarão a pastar e farão, sem ti, quanto dantes faziam. Não ha ninguém insubstituível, crê. Quem tem de servir bem uma causa começa por lhe imolar o próprio coração.

Num relance a figura do cura, sentado à porta de casa a ler o breviário, passou saudosa ante o olhar la-

crimoso do mancebo; mas sem hesitar vestiu os fatos que o pagem lhe estendia, cingiu a couraça, pôs o elmo e, ageitando as rédeas, saltou sôbre o soberbo cavalo como se fôsse um provado cavaleiro e partindo a galope, bradou:

— Vamos pagem, mais vale ser um entre muitos do que não ser ninguêm: *tudo pela Pátria!*

E lançou à casa do cura um húmido e saudoso olhar.

*

*

*

O nosso herói não ia arrependido, mas com a alma em pena, preocupado com a empresa que aceitara, no ardor do entusiasmo, sem bem lhe medir o alcance. Pensava, mau grado seu, no velho cura que áquella hora decerto interrogava ansiosamente com a vista cansada a velha estrada romana pela qual, ao entardecer, êle costumava reconduzir as ovelhas ao redil. O coração compungia-se-lhe, e um remorso vivo, fazia-o lamentar não ter pedido ao velho que abençoasse a sua empresa e a aprovasse. Contudo, a *fada loira*, como êle chamava à *alma da Pátria*, parecia não aprovar êsse acto; e êle embora lhe pesasse, não queria começar a faltar áquilo que julgava o mais sagrado dever. ¿Procedia bem? Procedia mal?

É fora de dúvida que andava mal. Qualquer

causa, que nos chama a servi-la, é egoísta sempre. Conta com a fraqueza humana e quer absorver inteiramente a individualidade de cada qual, com receio de perder um factor importante, por breve e insignificante que seja o seu papel.

Guilherme, desde o momento em que aceitara a difícil missão, devia desempenhá-la, mas não estava por isso desobrigado dos seus outros deveres. Devia ter reconduzido as ovelhas ao redil e pedido ao velho cura desculpa de ter, sem ouvir, cedido à pressuasiva voz da bela mulher cuja figura o deslumbrava e a voz lhe apaixonava o espírito por tudo que de nobre e grande o exaltava a um mundo melhor. O desconhecimento de si próprio deu-lhe o receio de que o cura o esprovasse, e de ceder aos seus rogos e conselhos, se elle julgasse louca a emprêsa de ir só, sem outro apoio além do da própria consciência, tentar erguer da próxima ruína a Pátria querida, onde os seus olhos se abriram pela primeira vez à luz.

Emquanto êstes raciocínios se debatiam no espírito do nosso jovem amigo, elle galopava sempre, e a noite caía lentamente, pesada e sombria, e o pagem notando-a observou lhe:

— É já quasi noute cerrada, senhor. Bom seria procurar abrigo no castelo do príncipe Dórdio, cujas ameias se avistam do alto do próximo cerro.

— Quem é o príncipe Dórdio, pagem?

— E' um alto senhor, dono de dezoito castelos e que pode pôr 2:000 homens em pé de guerra.

— Como vive?

— Além da nobreza. Mas... é um dos muitos que esqueceram o que devem à Pátria e querem um rei estrangeiro.

As faces do moço afoguearam-se.

— Aconselhas-me a que peça abrigo a um ser tão vil?

— Eu não ousou aconselhar-vos nada, senhor, visto que a alma da Pátria vos anima, mas parecia-me de boa política chamar ao vosso partido um varão de tanto poder e fama.

— Bem. Tentarei consegui-lo. Eu afrouxo o andamento do meu cavalo, vai tu adiante e pede pousada para esta noite no castelo para Guilherme Bom e o seu pagem.

O gentil interlocutor do nosso herói soltou rédeas ao cavalo e partiu de mão baixa.

Guilherme, pensativo, seguiu a passo na mesma direcção, olhando enternecido as meias tintas do crepúsculo que a noite começava a velar com negro véu. Roberto, como ao depois se chamará o jovem e lindo pagem de Guilherme, voltou dentro em pouco annunciando que o príncipe Dórdio recebia com muito prazer o jovem cavaleiro e o esperava para a ceia.

— Que tal é êle? perguntou Guilherme com certa timidez.

— Muito arrogante, mas de magnífica presença.

O coração do jovem pulsou mais apressado e pensou:



... Guilherme Bom e o seu pagem... (Pag. 17)

— ¡Que louco fui em me encarregar de tão temerária empreza! ¿Como suportará um homem desta importancia e linhagem as observações de um rústico como eu?

Fiel, porêm, ao plano traçado, atravessou a ponte levadiça, apeou-se no páteo interior do castelo, e subiu a vasta escadaria de pedra fazendo tinir as esporas de oiro que lhe soavam aos ouvidos como um ruído estranho. Entrou na ampla quadra onde o príncipe Dórdio, em pé entre os fidalgos da sua casa, esperava com curiosidade a chegada do anunciado visitante.

Guilherme, de cabeça descoberta, adiantou-se e saudou o seu hospedeiro com elegância e sem servilismo.

— Estou contente, cavaleiro, de sentar à minha mesa e abrigar sob o meu tecto um mancebo tão gentil.

— Agradeço-vos, senhor. Vossa alteza honra-me sobremaneira recebendo-me, e presta-me um grande favor, visto não haver pousadas nestas paragens.

— Bem, bem, para a mesa. Sentemo-nos, senhores.

A sopa foi comida quási em silêncio e pouco depois estabeleceu-se a conversa.

— Se não é indiscrição, perguntou o príncipe Dórdio, ¿para onde vos dirigis?

— Indiscrição nenhuma, eu não faço mistério al-

gum das minhas intenções, apesar de ir cumprir um voto.

— ¡Ah! ¿ides à Terra Santa? perguntou o príncipe cada vez mais interessado.

— Não, meu senhor, vou levantar o espírito do povo da nossa terra, mostrar-lhe o que éramos antigamente, e o que somos agora. Provar-lhe que esta terra que nossos pais amaram, pela qual perderam o seu sangue, não pode estar à mercê do estrangeiro que, mais ousado, se atrever a lançar-lhe a mão.

Fêz-se um silêncio breve e constrangido, porque todos os presentes conheciam quais as ideas do príncipe e bastas vezes lhe tinham ouvido apregoar que tanto lhe fazia que a terra em que nascera fôsse independente, como que caísse nas mãos de estranhos, desde que lhe não mexessem na fortuna e lhe conservassem as regalias.

O príncipe, depois de segundos de reflexão, perguntou-lhe não sem ténue ironia:

— ¿E estais persuadido, mancebo, de que conseguireis tanto, apenas com a vossa boa vontade?

— Estou, senhor, respondeu Guilherme com convicção. O amor da Pátria não acabou no coração dos seus filhos. ¿São muito egoistas todos? Não há dúvida, são. Mas alguém que chegue às portas de qualquer das nossas cidades e brade: «¡Terra mãe de covardes!» E eu aposto que nenhuma espada ficará na bainha, e o amor da Pátria surgirá inérgico, impetuoso no coração de seus filhos.

— A um insulto ninguém resiste. Mas... quem ousaria?

— Por ora ninguém, mas dentro em pouco... todos. Os príncipes ambiciosos e tortes pensarão que esta terra é fácil presa, e como ela não tem exército nem meios de defesa, como os seus filhos, longe de lhes serem amparo, são parasitas sugadores, pensarão que, mesmo sem luta, apenas pelo suborno dos séres que tanto desceram em dignidade própria, é-lhes fácil tornarem-se senhores duma formosa terra e escravisar justamente os homens que, possuindo tal jóia, a não souberam guardar e defender.

Levado pelo calor da fé, pela sinceridade da convicção, a voz de Guilherme não formulava hipóteses, afirmava certezas.

Dominado, o príncipe Dórdio indagou:

— Mas como pretende, meu gentil cavalleiro, obviar a tantas e crueis enfermidades que minam o organismo social?

— É tão fácil! Meu príncipe, desde que os homens se resolvam a ser honestos e desinteressados, a zelar como próprio o interêsse alheio, e o bem da comunidade, a pôr o sagrado amor da Pátria logo abaixo do culto de Deus, o país tornar-se-á grande. Haverá exército: nenhum cidadão abdicará do direito de defender o lar da comunidade, porque, defendendo o direito colectivo, defende do melhor modo o individual, e a consciência da própria fôrça é garantia sólida dum futuro próspero.

— ¿Por onde ides começar a vossa obra, cavaleiro?

— Pela próxima cidade, onde farei a propaganda patriótica que a decadência do espírito actual require.

— Agouro-vos crueis dissabores e fortes dissensões.

— Não importa, príncipe. Eu tomei para modelo um dos muitos heróis portugueses cuja fama é impecível. Se o desejais direi em seu louvor.

— Escutarei com gosto o vosso canto.

— Eu não canto, senhor, tenho má voz. Mas direi com o coração o que tenho nalma gravado com respeito e veneração.

E erguendo-se, Guilherme apoiou-se à espalda da própria cadeira e com voz quente, comovida e persuasiva, arrancou dalma com fundo entusiasmo a poesia que segue.

Ao terminá-la todos estavam de pé e um «¡Bravo!» unísono, formado pelas vozes de todos os presentes, ribombou na abóbada da sala fortemente, repercutindo-se ao longo dos inúmeros corredores.

Guilherme entrara com o pé direito no castelo. Não fôra em vão que falara nas virtudes antigas ao desenfreado príncipe; e a visão nítida do futuro miserável e miserando que a seus olhos fêz brilhar, pre-dispuseram sua alteza a colher os frutos dos versos que o paladino da Pátria recitou.

Ei-los:

9 Condestável

Jaz o povo, sem vontade,
Olvida ser português.
Quer o gôzo, a ociosidade,
Que tão mal sempre lhe fêz.

O rei de Castela pede
O reino de Portugal,
Porque a filha ao pai sucede
E não há direito igual.

Assim afirma, esquecendo
Que os homens reses não são,
E, que em corpo apodrecendo
Se acha pedaço ainda são:

Era João que, esforçado,
Tinha um ânimo de herói.
Era Nuno, fero e ousado,
Que a tal idea se dói.

E olhando com desprezo
Até seus próprios irmãos,
Sente o peito à terra preso,
Mostra a espada, e mostra as mãos.

— ¡¿ Como?! pergunta pasmado,
¿ Se encontra na nossa terra
Quem prefira, subjugado,
O reino, a partir para a guerra?

« ¿ Acaso não tendes já
Mãos com que brandir as lanças
« Ou nos homens já não há
« Mais valor que nas crianças?

« Erguei de novo a cabeça,
« Quem só quer cama e confôrto,
« Pois pode ser que aconteça
« Ficar sem ambos, e morto. . .

Quem abdica a independência
« Da sua própria nação
« Nem mesmo em Deus tem clemência :
« Tão vil é de condição.

« Mas ficai, se assim vos praz,
« Por indolência ou receio.
« Que eu só me oporei à paz
« Firmada com jugo alheio.

« Ainda que a minha vida
« Seja preço a tanto mal
« E' ganha e nunca perdida
« Se eu a der por Portugal. »

Então o povo vencido
Por tão sensatas razões,
Provou que tinha entendido
De Nuno as justas lições.

E erguendo estridente grita
Brotada do coração,
Que em ondas e orgulho agita,
Quis, e fêz livre a nação.

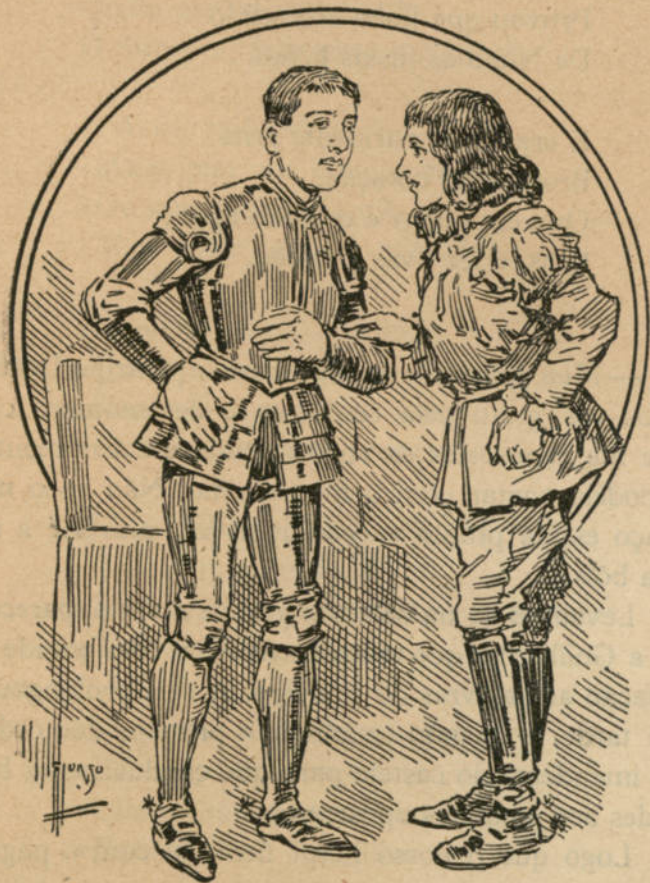
— Meu jovem cavaleiro, disse o príncipe Dórdio, estou-vos grato pela confiança e desassombro com que me expusestes as vossas opiniões e sentimentos, e podeis contar com o meu auxílio. Não só o meu braço estará pronto a coadjuvar-vos, mas até a minha bolsa.

Levantou-se na sala um grande alarido, parecendo a Guilherme que todos aprovavam com grande satisfação as palavras do príncipe. A ceia prolongou-se até tarde, e quando terminou, o príncipe deu ordens ao intendente do castelo para que conduzisse os hóspedes aos melhores aposentos.

Logo que o nosso herói ficou só com o pagem, que durante tôda a refeição estivera em pé, atrás da sua cadeira e atento ao menor gesto, disse-lhe êste :

— Senhor, não vos fieis nas aparências nem vos entregueis ao sono. Os fidalgos de Dórdio estão furiosos convosco.

— ; Mas mostraram tanto agrado às resoluções do príncipe!...



Logo que o nosso herói... (Pág. 25)

— ; Acreditais isso?! Bem se vê que não tendes o hábito de lidar com cortezãos: são mais pérfidos que as ondas do mar e, crêde-me, nada há que admi-

rar-se, esta mesma noite, êles tentarem contra a vossa vida.

— ¿Em que lhes fiz eu mal, para se desejarem vingar?

— Tendes muito boa fé, senhor, e se vos não precaverdes sereis vítima dela.

— A tua ama disse-me que emquanto a servisse com fé seria invulnerável.

— Perdão, senhor, o que a minha ama vos disse é que a vossa vida seria respeitada e não que o vosso corpo estaria à prova de tudo. Pode-se sofrer muito sem morrer; uma cousa não obriga à outra. Ora os fidalgos desta casa vivem no gôzo e no dispêndio sem medida de quanto lhes apetece; vós aconselhaste-lhes a ordem, o trabalho, o interêsse do próximo, tudo quanto é adverso às suas comodidades. Êles não só vos não perdoarão, mas tornar-vos-hão responsável de quantos prejuizos lhes causardes.

— Bem, visto formares tão mau conceito dessa boa gente, não te obrigarei a repousar nem também tòmarei para mim o descanso que a natureza me aconselha e, para evitar que o sono se apodere de nós, fala-me da tua ama. ¿Onde vive ela?

— Em tôda a ilha, senhor. É uma entidade enorme, impalpável. Está em tôda a parte, ouve quanto se diz, observa quanto se passa, e, de tôdas as criações de Deus, é uma das que mais sofre porque para ela não existem parte dos mistérios que existem para os homens. Assim, os nossos pensamentos egófstas, as

nossas dúvidas, as nossas revoltas, as nossas tenções, tudo lhe é conhecido. E ela, sabendo a baixeza da natureza humana, escuta-lhe os aplausos, os louvores, as hipérboles, impassível. Não lhe é permitida a ilusão a ela, que vive com tristeza do conhecimento de tôdas as verdades, só pretende uma cousa: entregar a Deus, no fim das vidas, os seus filhos, sempre melhores, mais perfeitos, mais dignos de se dizerem seus filhos.

— E, dize-me, ¿ a alma da Pátria toma muita vez a forma humana? perguntou com curiosidade o cavaleiro.

— Apenas quando lhe é forçoso comunicar com os homens no próprio interêsse dêles.

— ¿ Mas não seria melhor que nos falasse de qualquer ponto sem se mostrar?

— Parece que seria o mais simples, mas não é: A natureza humana é fraca e teme o sobrenatural. Em vez de se lhe aproximarem e de a escutarem fugiriam espavoridos se não podessem concretisar em qualquer figura o espírito que lhes falasse.

— ¿ E que fazia ela ali no fundo do rio?

— Ela não estava no fundo do rio, aparentava estar para vos interessar e chamar a servi-la, ou antes, a servir-vos a vós, porque bem se serve quem serve a Pátria bem.

— ¿ E quando eu a chamar ela aparece-me?

— Aparece. Mas não o deveis fazer senão em grave necessidade.

— ¿E tu quem és?

— ¿Eu?...

— ¡Sim, tu! ¿És um homem como eu?

— Não senhor, contudo sou também seu filho.

— ¿E podes dizer-me com verdade a tua condição?

— Posso, se o não repetirdes. Sou a alma do rio *Corre-corre*, o melhor e mais belo de todos que regam as terra da mãe Pátria.

— ¿Tens casa?

— Casa não. Tenho um palácio todo construido de corais. As suas portas são de pérolas enormes e muito raras, negras como o aço oxidado e polidas como êle. As paredes são da mais pura madre-pérola, e os móveis de formoso granito estofado de algas verdes e viçosas e que as minhas águas vivificam constantemente. E os peixes raros e formosos são adornos mais encantadores do que as mais raras louças da terra. Plantas marinhas, de aspecto e formosura estranha, ornamos meus vastos jardins onde lindas sereias descansam brandamente balouçadas por águas límpidas mais transparentes que o vidro.

Guilherme ouvia-o encantado.

— ¿Que nome é o teu?

— Eu não tenho nome. Recebo aquele que me quiserdes dar.

— ¿Mas quem convive contigo como te chama?

— A nossa linguagem tem sons que não correspondem a palavras.

— Contudo eu gostava de ouvir o teu nome.

— Então estai atento:

E Guilherme ouviu dois sons muito semelhantes ao vai-vem das águas embatendo nas rochas.

— ¿E que significação se poderia dar a isso se o tivesses que dizer na nossa língua?

— Nenhuma, porque a não tem.

— ¿Então como é que falas comigo, me entendes e eu não posso perceber-te?

— Porque as criações do Senhor Supremo, à medida que são mais imperfeitas, menos entendem, e vós que pertenceis aos sêres animados, sois inferior a mim que sou, por assim dizer, um pedaço de mundo. ¡Oh! ¡se nós podéssemos dizer o dó e o riso que nos causa ouvir as conversas humanas!

— ¿Então zombam de nós?

— ¡Oh! ¡Não! A zombaria é um predicado que só nas almas humanas impera. Nós já somos superiores à zombaria. O nosso riso é indulgente e bom, assemelha-se ao do pai a quem o filho pequeno pergunta, na ignorância infantil, se a vida dura sempre, ou se toda a gente é boa, etc.

— Cala-te, pagem: ¿Não ouviste ruído?

— Sim. . . creio que ouvi passos.

— Finjamos dormir.

— Finjamos. . . mas lembrai-vos, senhor, das recomendações da minha ama.

— Da linda fada loira. . . ¡Que pena tenho de que ela não seja realmente mulher!

E, soltando um fundo suspiro, cerrou as pálpebras e simulou estar bem adormecido.

Os passos soaram cada vez mais perto e por fim detiveram-se à porta dos aposentos de Guilherme. Decorreram segundos e tres breves pancadas, dadas a espaços na porta, sobressaltaram Guilherme e o seu pagem.

Como o nosso herói continuasse a fingir que não ouvira, o fecho da porta ergueu-se e esta, girando lentamente nos gonzos, deixou aparecer no limiar a figura esbelta dum jovem cavaleiro que durante a ceia escutara enlevado quanto Guilherme dissera. Trazia na mão uma lanterna de furta-fogo. Ergueu-a à altura do rosto para se orientar e, tendo-o feito, dirigiu-se resolutamente a Guilherme e pôs-lhe a mão no ombro.

— ¿Que é? perguntou êste, como se tivesse acordado sobressaltado naquele próprio instante.

— Depressa, cavaleiro, se tendes a vossa vida em alguma conta, erguei-vos e segui-me. É necessário fugir e já.

— ¿Porquê? perguntou o nosso herói.

— Os fidalgos do príncipe combinaram fazer-vos desaparecer. Dizem que sois um revolucionário e que foi decerto o inferno que vos encarregou de prègar a guerra. O capelão mesmo não está longe de crer que sois hereje. Se não aproveitais bem o tempo em vos pôr a salvo, perdeis a vossa causa e as nossas vidas, porque êles não me perdoarão que eu vos queira livrar de lhes cair nas mãos.

Emquanto o jovem falava, Guilherme e o seu pagem, tendo trocado um olhar, viram que era igual a opinião que dêle haviam formado. Então o paladino da Pátria disse-lhe :

— Agradeço-vos a dedicação que me mostrais, mancebo, e espero que um dia poderei recompensá-la. Ide na frente, nós vos seguiremos.

— Cautela, recomendou o moço, não façais ruído com as esporas.

— Tiro-as.

— E' melhor.

E, muito de vagar, escoando-se ao longo dos corredores, os tres rapazes atingiram uma porta falsa que dava comunicação immediata, por meio dum alçapão, para as cavalariaças do castelo.

Os cavalos, sem que ninguêem se tivesse occupado disso, estavam selados e prontos a partir.

Montaram, e quando os tres homens iam exigir da sentinela que baixasse a ponte levadiça para saírem, um imenso borborinho se ergueu atrás dêles.

Era uma multidão de homens armados que se precipitava para lhes vedar a passagem, gritando:

— Não os deixem sair vivos, não os deixem sair. São maus revolucionários que querem a morte e a ruína dos cidadãos pacíficos e tentam enredar o príncipe nas malhas das suas redes.

— ¿Quem o sabe?

— ¿Quem o disse?

— O astrólogo que desconfiou dêles e foi consultar os astros.

A onda vociferante crescia. No ar já se agitavam



... foram arrebatados pelo ar... (Pag. 34)

paus e brandiam pezadas maçãs. Guilherme olhou o pagem e a um aceno dêste bradou com convicção:

— «; Alma da terra em que nasci! ;acode aqui!»

No mesmo instante os cavalos dos três rapazes foram arrebatados pelo ar e lançados a galope a mais de quatrocentos metros do castelo do príncipe Dórdio.

— ¿Para onde vamos, senhor? perguntou o pagem ofegante por tão violenta carreira.

— Para onde os cavalos nos levarem, Roberto. Eles, agora, sabem melhor do que nós o que convém.

E calou-se porque a violência da carreira era tal que lhe tornava difícil a conversa. Atravessaram uma longa planície, passaram como um relâmpago por cima da vasta ponte de pedra sôbre o rio Grande e embrenharam-se na espessa mata que se estendia por léguas para além da vasta cordilheira das *Sete Gêmeas*. Aí, os cavalos, alagados em suor, marchavam com grande dificuldade: o mato excedia-lhes a altura das pernas. Depois de muito caminhar descobriram uma pequena gruta cavada em altas fráguas e bem oculta pelos arbustos e plantas. Então apearam-se, trataram das montadas, e apesar de estarem cheios de fome, o cansaço era tanto e o sono, que preferiram deitar-se e dormir.

No dia seguinte, já o sol ia alto no horizonte, quando Guilherme e os seus companheiros acordaram. Viram com grande espanto e satisfação no meio da gruta uma mesa coberta dos mais soberbos manjares e rodeiada de óptimas cadeiras. Grandes macacos preparavam-se para fazer o papel de criados. Enquanto um desrolhava velhas garrafas de magnífico vinho, com o cuidado que tal tarefa requiere, os outros apro-

ximavam as cadeiras da mesa e dispunham os pratos e as iguarias de modo a torná-las mais apetíveis.

— ; Que agradável surpresa, exclamou Guilherme, isto não esperava eu!

— ; Mas donde nos vem tão grande fortuna? perguntou desconfiado o novo amigo do mancebo; ; terá razão o astrólogo no que predisse a vosso respeito?

— Não, amigo, não tem, contudo, bem que me peze, não posso dar-vos explicação alguma porque estou obrigado pela minha palavra a não desvendar nada do que me foi confiado. Eu mesmo estou espantado, confesso, desta liberalidade inesperada, e não conheço a sua proveniência, embora dela desconfie. Mas, por Deus e Santa Maria, cujos nomes evoco com devoção e respeito, obra do demo afianço-vos que não é. Benzei-vos todos e agradeçamos a Deus o bem que nos concede.

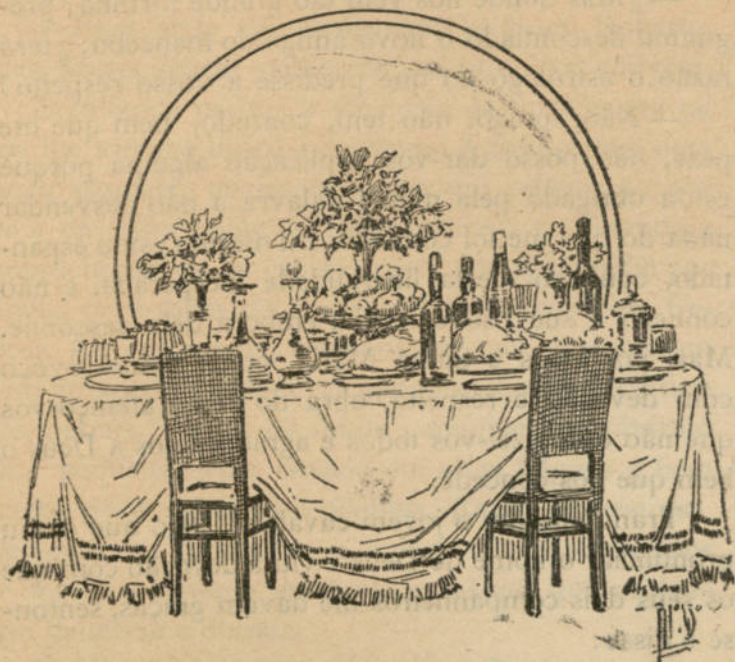
Tranqüilizado, o jovem cavaleiro, logo que ouviu pronunciar o nome de Deus e viu a devoção com que os seus dois companheiros lhe davam graças, sentouse e disse:

— Nada tenho com os vossos segredos, visto que a Deus rendeis louvor não podeis estar sob a influência do demónio. Isso basta para que nada pergunte e partilhe a vossa sorte qualquer que ela seja. Eu não sou curioso.

— Tereis mais duma ocasião de o provar. E agora dizei-me: ? Como vos chamais?

— Sou Henrique Veber. Tenho fortuna pessoal,

apesar de filho segundo, porque herdei a dum milio-
nário americano que não tinha família e se me afei-
çoou como pai. É por isso que sou Veber e não Ga-
mo, como todos os meus irmãos.



soberbos manjares (Pag. 34)

— Mas estáveis ao serviço do príncipe Dórdio?

— Não, vivia na sua côrte porque me agradava. Êle é bom, apesar da vida que leva, e na sua companhia vive-se alegremente.

— E vós nunca pensastes que a vida que leváveis era imprópria dum bom patriota?

— Não, nunca tinha pensado nisso. As vossas palavras rasgaram-me novos horisontes e senti-me envergonhado da vida inútil que até hoje tenho tido.

— Estais a tempo de o remediar.

— E bem de vontade, crêde-me.

E, enquanto comiam e conversavam, os macacos serviam-nos com muitas atenções, mas quando os supunham distraídos comiam algum bom bocado ou bebiam um trago de vinho, fazendo troça e gaifonas aos que os não podiam imitar. Eram três também, e cada um atrás da cadeira do senhor que servia parecia escutar a conversa e perceber tudo que se dizia.

Comeram com muito gôsto e quando se levantaram da mesa perguntou Guilherme ao pagem:

— ¿ Para que lado te parece que devemos dirigir-nos?

— Para Nimbria, senhor: é, segundo creio, a cidade que mais perto nos fica, e além disso a capital do reino.

— Seja. Deus nos leve em bem. Partamos.

Voltaram à gruta para buscar as armas e, com grande pasmo de Guilherme e de Henrique, a mesa, os macacos e todos os restos de iguarias tinham desaparecido.

— ¿ Então os nossos excelentes criados foram-se embora sem nos dizer adeus? exclamou Guilherme com pena.

— Tinham outras obrigações, senhor. Êles pediram-me para os desculpar junto de vós.

Montaram de novo a cavalo, e conseguiram, não sem custo, sair do mato e retomar a estrada rial. Muito contentes por se julgarem já livres de perseguições, conversavam, riam, contavam anedotas, e iam vencendo caminho quási esquecidos da causa que os unira e os levava à ventura, Deus sabe para onde.

Henrique Veber era um rapaz alto, forte, espaduado, verdadeira encarnação da beleza masculina. Tinha grandes olhos negros, cabelo da mesma cor, e era tão trigueiro quanto Guilherme era branco. Os olhos azuis dêste, claros e límpidos, como um céu sem nuvens, tinham a formosura do dia, o encanto e a serenidade do que se vê sempre puro. O olhar de Henrique, feito de trevas profundas, inquietava e perturbava os seus interlocutores como um enigma indecifrável. A elegância e gentileza de ambos rivalisava, e a sua diferença de tipos fazia-os mutuamente valorisar. O pagem, êsse, parecia superior a ambos, mas tinha qualquer cousa que não era humana, uma aparência fria e que não atraía.

Henrique, muito falador, gostava mais de falar do que de ouvir os outros. Guilherme, bom, paciente e reflectido, sabia escutar e pensava que o silêncio é mais valioso do que a palavra, sendo raro que, quem muito fala se não arrependa de o fazer, e que, quem cala se lastime de assim ter procedido.

Henrique perguntou ao seu novo amigo se conhecia a lenda do castelo de que acabavam de sair tão milagrosamente.

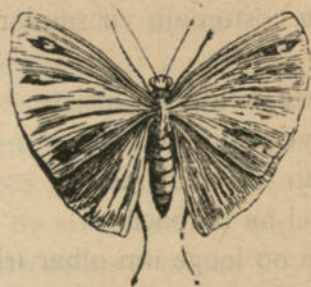
— Não, respondeu Guilherme, nem mesmo sabia que a seu respeito corria uma lenda.

— Pois corre e é interessante.

— Dizei-a, senhor cavaleiro, pediu o pagem. As lendas são, para mim, muito mais encantadoras do que as histórias riais.

— Escutai então.

E disse :



A lenda do Castelo

Entre negras penedias,
Onde vem bater o mar.
Vê passar infaustos dias
A linda dona Guiomar,
De farta estar de arrelias
Nem fôrça tem de chorar.
Até esquece as cotovias
Que a costumam vir saudar.

A côrte co'a dona insiste
P'ra vestir luto de lã,
A tudo Guiomar resiste,
Imóvel na barbacã
Lança ao longe um olhar triste
Sentindo que a esp'rança é vã...
Eis aqui no que consiste
O pezar da castelã:

Foi-lhe p'r'a guerra o marido,
Ha quinze anos bem contados,
Com séquito mui luzido
De fidalgos e criados.
Tempo depois foi sabido,
Por homens de lá voltados,

Que o conde tinha morrido
Sendo os seus aprisionados.

Não quer tal crer a condessa,
De olhos pregados no mar
Vai sempre, dêz que amanheça,
Da barbacã vigiar.
E fica, até que anoiteça,
As ondas a contemplar,
Sem que nela a fé esmoreça
; Não desespera a esperar!

Inutil é que lhe falem,
Nunca responde a ninguém.
As censuras ; de que valem
A quem sente que anda bem?
Embora já lhe não calem :
«Que os vivos direitos tem »,
Embora todos a ralem,
Ela trata-os com desdêm.

E continua lançando
Os tristes olhos ao mar,
Na certeza de que esp'rando
Há de por fôrça alcançar.
No castelo, conspirando,
Andavam para a matar,
Cansados de a ver chorando,
Teimando em não se casar.

Sem ter danças nem folguedos,
Sem se jogar nos jardins,
Todos mudos, quais penedos,
Deram em torpes malsins.
Á sombra dos arvoredos,
Ou sôbre fofos coxins,
Iam tecendo os enredos
Para chegar aos seus fins.

Porêm, uma tarde linda,
Quando o sol beijava o mar,
Foi com alegria infinda
Que bradou dona Guiomar:
— ; Quem ousa dizer-me ainda
Que o não hei de ver voltar?
; Laura! ; Joana! ; Gracinda!
Ide a notícia espalhar.

Pelas águas, lentamente,
Descia pezada nave.
A condessa, impaciente,
Lamentava não ser ave.
Falsa certeza que mente
Talvez a cova lhe cave,
Porque o destino inclemente
Em nada será suave.

Da nave, atracando a terra,
Desceu enorme caixão,

O conde volta da guerra
Sem lança nem lorigão.
Tal dor à mulher se aferra
Que lhe pára o coração.
Uma lousa ambos encerra,
Repousam no mesmo chão.

Porêm agora, alta noite,
A passar na barbacã,
Não há ninguém que se afoite
Por causa da castelã,
Que do peito torturado
Arranca tão fundos ais,
Que alguêm que a tenha escutado
Não pode esquecê-la mais.

— É muito triste a lenda do castelo.

— É; mas o que tem graça, é que hoje, que tantos anos passaram sôbre o caso que vos contei, nem mesmo o príncipe Dórdio, que é um valente, se atreve a passar na barbacã.

— Vós crêdes em lendas?

— Não creio nem deixo de crer. Contudo, vejo cousas tão extraordinárias na terra, que admito a possibilidade de tudo.

— E vós, perguntou o pagem, que se conservava calado e pensativo desde que Veber terminara; passastes alguma vez na barbacã a altas horas?

— Passei. . . e não gostaria de vos contar o que vi.



Guimar (Pag. 45)

- ¿ Porquê?
— Diminue a impressão poética que a lenda vos
pode ter deixado.

— Pois bem, seja. Curioso de ver a formosa Guiomar, cujo retrato estava farto de admirar na sala nobre do castelo, resolvi um dia, que iria só, à meia noite, ao sítio da barbacã, onde a infeliz condessa gastara longos anos à espera da dor violenta que lhe arrancou a vida. ¿Que mal me podia acontecer? Se realmente dona Guiomar visitava de noite os sítios onde tanto sofrêra de dia, decerto não era para se ocupar dos outros, mas das suas tristes recordações. Convencido préviamente de que a boa senhora, tão martirisada em vida, não podia ser má depois de morta, dirigi-me para a barbacã levando o espírito entre o desejo e a incredulidade. Não estava ninguém quando cheguei. Confessarei que, mau grado meu, o coração batia-me apressado e uma viva inquietação, de que não podia precisar a causa, me agitava íntimamente.

Soaram as badaladas da meia noite e, um vulto branco, parecendo vir da capela do castelo, atravessou lentamente o parque e saíndo das muralhas através duma pequena poterna, dirigiu-se lenta e solenemente para o sítio da barbacã a que a tradição chama *o poiso de D. Guiomar*.

Eu tive uma vontade enorme de gritar e de fugir, mas não me atrevi: o medo paralisava-me. O vulto aproximou-se cada vez mais e, chegando ao ponto das ameias em que a linda castelã se assentava, inclinou-se para fora e perguntou muito baixo:

— ¿Estás aí?

- Estou.
- Então tem cautela. Tira tudo do cesto com cuidado. Não se vá partir a loiça.
- Era uma voz máscula, de timbre avinhado, nada semelhante a uma voz de mulher.
- Debaixo do muro responderam :
- Pronto. Já tirei tudo : podes puxar.
- Era uma mulher que falava.
- ; Como está o pequeno? perguntou o vulto branco.
- Mal. O físico diz que não escapa.
- ; Pobre mulher! ; O que tu deves ter sofrido! Vai-te embora, vai. Que eu também me recolho.
- Pede ao mordomo para ires a casa amanhã. Dize-lhe que tens o pequeno doente.
- ; Como? ; Como o havia de saber?
- Um sonho com D. Guiomar. . .
- Não, não. Deus me livre de falar no seu nome. Se o príncipe imaginasse que era de mim que tinha medo, fazia-me dar uma dúzia de varadas.
- E fazia muito bem, disse-lhe eu saindo do canto obscuro em que me ocultava. O cozinheiro do príncipe lançou-se-me aos pés, pedindo-me que tivesse compaixão dêle. Era pobre, a família tinha fome, e êle socorria-a com os restos da mesa sob a forma de D. Guiomar, abusando da credence na lenda. Tive dó dêle e prometi calar-me, mas, como não quis ser culpado do seu roubo, estabeleci á sua família uma pensão que o habilitou a deixar em paz na cova a sombra

da bela castelã. Não se riem do mêdo enorme que eu tive? perguntou Henrique terminando.

— Não. O mêdo ataca tôda a gente. Dominá-lo e vencê-lo é o que se torna necessário para ser homem. Depois acabar-se-ia por não saber se êle existia, se a memória, nem sempre amável, não guardasse, fiel e tenazmente, as emoções fortes que nos impressionam o cérebro.

— Mas, ¿ que é aquilo?

Seguindo com os olhos a direcção em que Veber apontava, Guilherme e Roberto viram ao longe uma numerosa cavalgada que vinha no mesmo sentido.

O pagem bradou:

— São êles, senhor. Veem prender-nos. É o que é pôr-se a gente a contar e ouvir histórias em momentos tão críticos.

— Metam esporas aos cavalos: vá, de mão baixa.

E, soltando as rédeas ao fino murzelo que montava, Guilherme e os seus companheiros desapareceram ás vistas dos seus perseguidores, envoltos numa espessa nuvem de poeira.

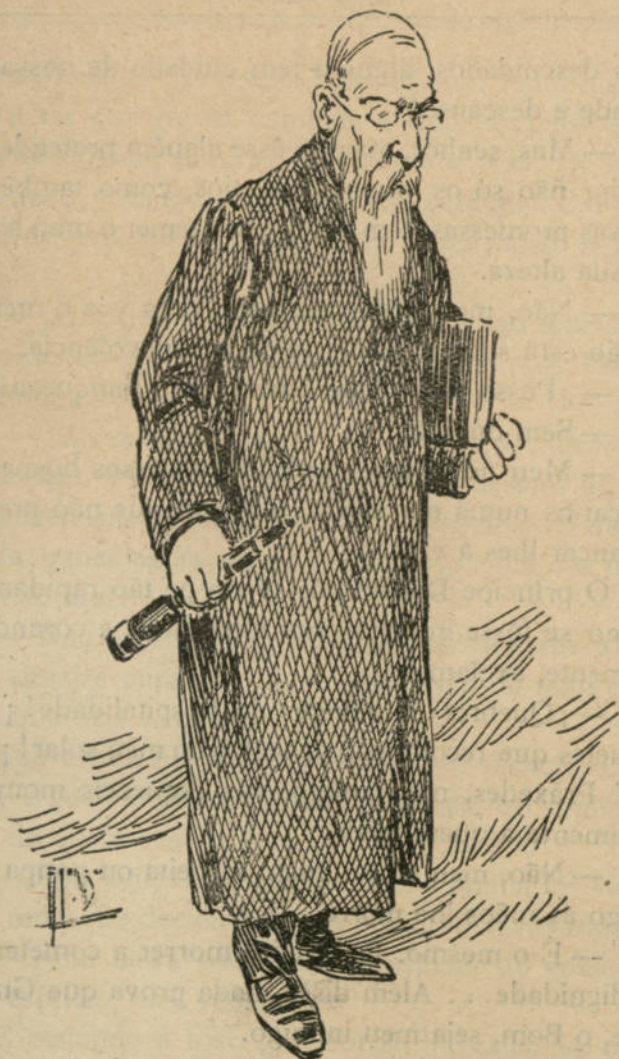
II

O príncipe Dórdio, satisfeito de ter achado um fim útil à sua vida, auxiliando as nobres tenções de Guilherme, recolhera-se ao seu quarto após a ceia, e não podendo conciliar o sono, entretinha-se pensando na glória que lhe poderia advir de tão grandiosa empreza. Chama-se isto, de querer imaginar o que nos há de acontecer no futuro, *co.istruir castelos na areia*. Estava pois sua alteza architectando o que desejava que a sorte lhe reservasse, quando duas leves pancadas soaram de manso na pequena porta que separava os aposentos do príncipe da escada de caracol, que levava ao observatório do astrólogo, que há mais de 6 anos tinha vindo de França estabelecer-se ali, a rogos do príncipe Dórdio, apaixonado loucamente pela astrologia, em que acreditava como em Deus. Sua alteza, sem fazer um movimento, disse em tom amigável:

— Entrai, D. Praxedes, e sêde bem vindo á minha presença.

— Senhor, eu não sei se faço bem, mas a muita amizade que vos devo obriga-me a velar por vós, mesmo quando isso vos não seja talvez agradável.

— ; Me não seja agradável, caro amigo! ; Pois pode deixar de o ser a certeza de que, emquanto esta-



D. Praxedes (Pág. 48)

mos descuidados, alguém tem cuidado da nossa felicidade e descanso?

— Mas, senhor, quando êsse alguém pretende contrariar não só os vossos desígnios, como também as vossas promessas, tem razão para temer o mau humor de sua alteza.

— Não, meu Praxedes, não: para vós o meu coração está sempre cheio de doce benevolência.

— ; Posso então falar com inteira franqueza?

— Sem dúvida.

— Meu amo, faizei prender os vossos hóspedes e lançai-os numa masmorra, a menos que não preferais arrancar-lhes a vida.

O príncipe Dórdio pôs-se em pé tão rapidamente como se fôsse impellido por uma mola, e còrando vivamente, exclamou:

— ; Quebrar os deveres da hospitalidade! ; Trair aqueles que recolhi sob os tectos do meu solar! ; Nunca! Praxedes, meu amigo, vós esqueceis momentaneamente a quem falais.

— Não, meu amo. Quem respeita ou poupa o inimigo ás mãos lhe morre.

— É o mesmo. Eu prefiro morrer a cometer uma indignidade. . . Além disso, nada prova que Guilherme, o Bom, seja meu inimigo.

— ; Ora essa! Então vossa alteza vive em paz, no pleno gôzo da vida e dos bens que por alta mercê Deus lhe confiou, e um figurão que surge, não se sabe como nem donde, canta-lhe duas canções, exalta-lhe

a imaginação, e arrasta-o após as suas fantasias, talvez a ter que travar combate a favor de belas ideas, não há dúvida, mas... arriscando a vida. ;E sabeis vós, meu príncipe, compreendeis *bem* qual é o valor da vida para quem a leva com tanto fausto e grandeza?

O príncipe, á medida que o astrólogo falava, parecia deixar-se vencer pelos seus argumentos. Por fim perguntou:

— Talvez tenhais razão; certamente a tendes. Concorde que fui leviano, acedendo aos desejos do meu hóspede, sem medir o alcance do engajamento que tomava; ;mas agora, como recusar? ;Como dar o dito por não dito?

— Não façais nada, senhor. Autorizai-me a que, sem desaire para vós, tente livrar-vos do mau trilho pelo qual íeis enveredar.

Sua alteza ficou alguns momentos silencioso. Depois, erguendo resolutamente a cabeça, exclamou, no tom de quem acorda dum grande pezadelo:

— Pois sim, D. Praxedes. Sois a minha Providência; tudo que decidirdes será por mim aprovado.

— Nem outra cousa era de esperar do vosso atilado espírito, meu senhor.

E beijando a mão que Dórdio lhe estendia, o vèlhito retirou-se recuando e desapareceu pela pequenina porta por onde entrara, deixando cair após si o espêssô reposteiro de veludo vermelho.

Êste astrólogo merece duas palavras de descrição:

Era um velho muito curvo, de longas barbas brancas, completamente calvo. Tinha as faces inteiramente enghadas, e na bôca brincava-lhe a miúdo um enigmático sorriso. Os olhos eram pretos, scintilantes e vivos e, quando falava, descansava-os com tal persistência no rosto daquele a quem se dirigia, que o coagia a desviar o olhar ou a sentir-se pouco à vontade sob aquela visível investigação do seu íntimo ser. D. Praxedes era bom ou mau? Ninguê m o sabia. Não conversava com ninguê m, não mostrava nunca apoiar ou reprovar às expansões dos cortezãos do príncipe. Partilhava as refeições de sua alteza, que o tratava com singularíssima deferência, mas não falava à mesa. Nos primeiros dias que isto succedeu, os fidalgos da casa do príncipe estavam pasmados, e um, a quem Dórdio consentia mais familiaridades, atreveu-se a dizer-lhe baixinho :

— Meu senhor, ¿ êste homem é mudo ?

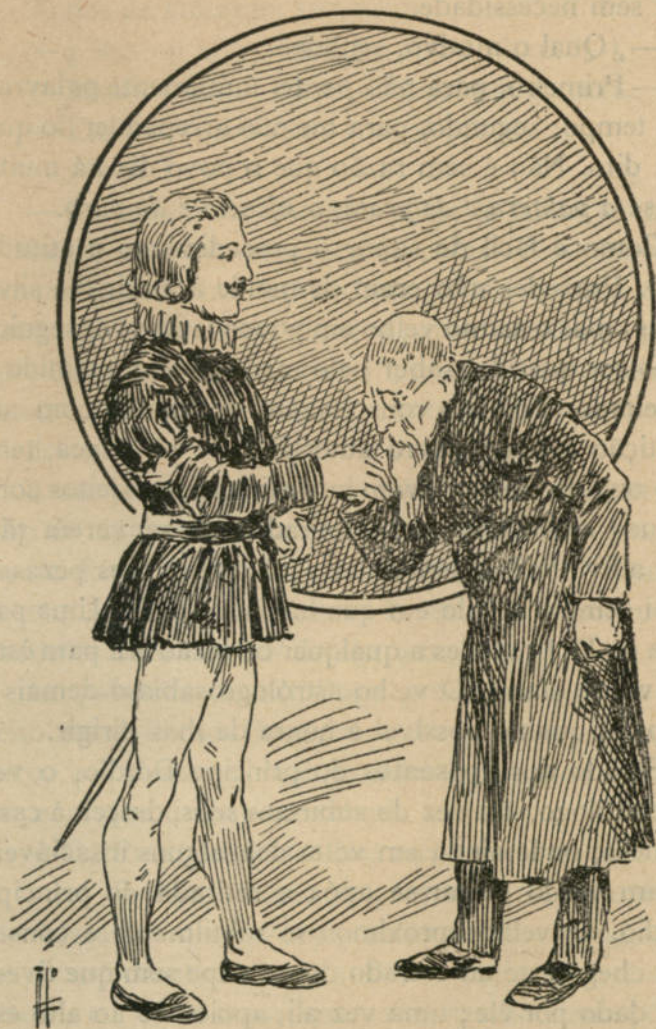
— Garanto-vos que não. Obedece a preceitos que a sua rara sciência lhe aconselha. Diz êle que o abuso da palavra prejudica o que fala e os que o escutam.

— ¿ Porquê ?

— Êle que to explique.

E voltando-se para o astrólogo, o príncipe disse-lhe com o seu modo mais graciosamente sedutor :

— D. Praxedes, o meu camarista Alvaro de Montezelos, admira-se de que possais guardar tanto tempo silêncio.



E beijando-lhe a mão... (Pág. 51)

— Meu príncipe, é regra que há muito sigo não falar sem necessidade.

— ; Qual o motivo, senhor?

— Primeiro, para não perder inútilmente palavras nem tempo; segundo, para me não arrepender do que tiver dito. Não é sem razão que o povo diz há muito que se *a palavra é de prata, o silêncio é de ouro*.

Como é fácil de supor o procedimento e atitude de D. Praxedes não eram de molde a atrair-lhe simpatias; mas o astuto velho em pouco tempo conseguiu, senão ser querido, saber pelo menos que era temido e respeitado. Todos o consultavam, escutando com superstição a sua palavra autorizada, e se nunca, tendo-o ouvido, se retiravam inteiramente satisfeitos com as suas respostas, iam admirados de se verem tão bem adivinhados, embora no juízo feito lhes pezasse quasi sempre aquilo em que havia verdade. Uma palavra de D. Praxedes a qualquer corteção era para este motivo de ufanía. O velho astrólogo sabia-o demais e poupava quanto possível a honra de lhas dirigir.

Saindo dos aposentos do príncipe Dórdio, o velho astrólogo, em vez de subir aos seus, desceu à casa da mesa, onde ainda em volta dela alguns insaciáveis tinham vindo sentar-se após a retirada do príncipe Dórdio. O velho aproximou-se subtilmente e conseguiu chegar até ao estrado do príncipe sem que tivessem dado por êle; uma vez ali, apoiou-se ao alto espaldar da cadeira e disse, num fio de voz que parecia um murmúrio de água corrente:

— ¡ Amigos !

Todos se voltaram surpresos.

— ¿ Sois ou não dedicados a sua alteza ?

— Mais de que o corpo à alma que encerra.

— Então livrai-o dum grande perigo.

— ¿ Qual ?

— Da influência que êste hóspede possa ter nêle.

E' moço, ardente, apaixonado pelas ideas nobres e levantadas, não hesitará em dar a vida por elas e arrastará atrás da sua persuasiva palavra, não só o príncipe Dórdio, mas vós todos que estais habituados a passar a vida cómodamente, conhecendo dela apenas o lado bom.

Eram poucos os que estavam à mesa, mas pertenciam ao número dos que ousavam prolongar a noute depois do príncipe se ter recolhido, o que equivale a dizer que eram e se sentiam fortes e não temiam repressões nem mesmo do seu amo.

As palavras do astrólogo produziram nêles um efeito maravilhoso. Puseram-se de pé por um impulso único, e o mais velho, erguendo a voz, falou por todos, sem que tivesse consultado ninguém.

— D. Praxedes, disse êle, ouvindo-vos, julgo ouvir o eco do meu próprio pensamento que, formulado pela vossa bôca autorizada, faz explodir a indignação que a custo continha nalma. Antes que o novo dia se levante, eu e os meus companheiros teremos pôsto êsses illustres hóspedes em estado de não serem nocivos.

Foi nesta altura do discurso de Pelaio Ansuere que Henrique Veber, aproveitando a atenção e estado agitado da pequena assemblea, e sabendo as más qualidades que ornavam aqueles ociosos, safu mansamente da sala e correu a prestar aos simpáticos hóspedes o seu valiosíssimo e eficaz auxilio.

Tendo pegado fogo ao rastilho da cólera palaciana, o astrólogo apressou-se a declarar que o príncipe não acudiria em defesa dos hóspedes, porque o tinha adormecido com um poderoso narcótico. E, inclinndo gravemente a cabeça numa saudação amável, retirou-se com passo solene como quem não deseja presenciar aquilo que aconselha.

E' muito vulgar, meus pequenos leitores, encontrarem-se pelo mundo destas criaturas pouco dignas que não teem o valor dos seus actos nem das suas palavras, metem outros a proceder segundo os seus desejos, e retiram-se covardemente nas ocasiões, deixando áqueles, que convenceram e arrastaram, o trabalho, reservando-se reclamar a glória, se o resultado fôr bom. D. Praxedes tinha a atenuar-lhe a falta a sua extrema velhice, mas tenho para mim que, se êle fôsse novo, teria procedido do mesmo modo. Subiu outra vez vagarosamente a escada e, tornando a entrar nos aposentos do príncipe, disse-lhe apenas:

— Senhor, vós estais, *para todos os efeitos*, muito profundamente adormecido, devido a um narcótico que vos ministrei. ¿Tendes entendido?

— Perfeitamente, meu amigo.

E, deixando cair o pesado reposteiro, o astrólogo subiu com passo lento ao seu observatório.

Momentos depois, descerrou uma das altas janelas da tórre e, em vez de erguer os olhos para o céu, baixou-os para a terra, procurando sondar com a vista cansada, mas curiosa, as trevas espessas que as copas das árvores abrigavam. Foi em vão. Apurou o ouvido e sorriu satisfeito. Eram vozes várias, primeiro num rumor surdo, depois erguendo-se e soando atrevidas em perseguição dos hóspedes que fugiam, piedosamente auxiliados e seguidos por Henrique Veber.

Mas a satisfação do velho cessou como por encanto, quando entre o sussurro da multidão ouviu as palavras a que já atrás aludimos, em resposta á pergunta de « Quem o disse? ». O astrólogo, que desconfiou dêles, foi consultar os astros.

Fês uma careta muito feia, parecida com aquelas que os palhaços fazem para arrancar o riso ao público, e retirando-se para dentro, contrariado, pensava:

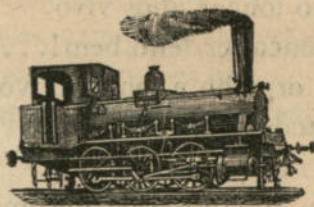
— « Para que será que êstes estúpidos falam no meu nome? »

E um triste e amargurado pressentimento afligia-lhe o coração.

Emquanto Pelaio Ansures, seguido pelos principais homens da casa do príncipe Dórdio, ia em perseguição dos fugitivos, o astrólogo, que era poeta e sentimental, sentindo a alma carregada á lembrança dos perigos que poderia correr, se a expedição fôsse

mal sucedida e o apontassem como instigador dela pôs-se a dizer de mansinho, como quem receia enganar-se :

— Sempre é bom examinar a consciência.





; Há tão longos anos vivo
Sem nunca ter feito bem! . . .
Tendo orgulho e sendo altivo,
Trato todos com desdêm,
Se me não podem servir;
Mas se, ao contrário, presumo
Tirar proveito dalguêm,
Isso então, sempre a sorrir,
Visto que o limão tem sumo,
Tanto me rojo no chão,
Que acabo por me sentir
Mais miserável que um cão.

Sou velho. A vida passou
Sem nunca pensar no termo.
Agora, que êle chegou,
Olho p'ra trás, vejo um ermo.
Não conto um só acto digno,
E tenho mêdo, confesso,

Porque, quando o próprio enfermo
Acha o seu estado maligno,
É raro que pelo avêso
O julgue qualquer doutor,
Embora seja benigno
E lhe dêa alheia dor.

Em criança fiz maldades,
Sabendo bem que as fazia,
E aos outros mil crueldades
De que não me arrependia.
Em mentiras, garotices,
Teimas, calúnias, fui sábio.
Aproveitava o que lia
Em qualquer velho alfarrábio.
Mas eram sempre tolices
Que eu procurava imitar,
; Se eram o mel do meu lábio!
; O sal do meu paladar!

Crescendo, não me emendei,
Tornei-me sempre pior.
Aprendendo quanto sei,
Tornei-me um patife mór.
Todo o mal que fiz, me pesa
Em mêdo, no coração,
Porque conservo de cor
A lista do que me lesa
Em pontos de perfeição.

Nada agora me conforta
Em tão triste situação
Vendo a morte quási à porta.

Epílogo

Leitor, o mal, a meu ver,
É que não se arrependia
Por pena de mal fazer,
Mas da pena que temia.

Quem imitar o astrólogo
Procure a tempo pensar,
Que a vida, sempre mais rápida,
Acaba sem anunciar.

Mas deixemos o repelente velho entregue ao horrível exame da sua passada conduta e vamos encontrar-nos com Guilherme, o Bom, e os seus companheiros, fugindo a galope pela formosa estrada de Nimbria.

III

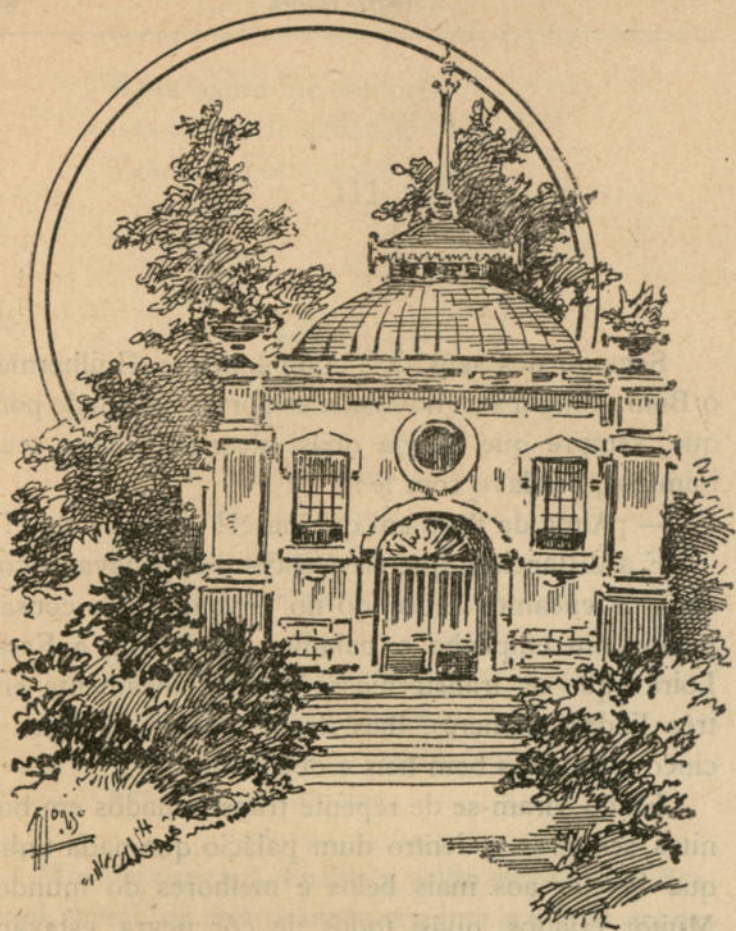
Seguido dos seus dois companheiros, Guilherme, o Bom, atingiu sem novidade as portas da cidade porque, sempre que se via quasi alcançado pelos seus inimigos, bradava com fé:

— ; Alma da terra em que nasci! « ; acode aqui! »

E a distância a que elles estavam duplicava-se como por encanto. Entrando no povoado, três cousas pediu com empenho o paladino da Pátria, á Fada Loira: que os transformasse momentâneamente em três lindas mulheres, lhes desse um belo palácio e cinco mosquitos bem fieis e obedientes.

Então viram-se de repente transformados em bonitãs senhoras e dentro dum palácio que nada tinha que invejar aos mais belos e melhores do mundo. Muitos criados, quasi todos de côr negra, estavam formados à entrada da grande escada de mármore, para os receber, e no alto dela a Fada Loira esperava-os, tendo na mão uma gaiola de prata, muito pequenina, dentro da qual se viam os cinco mosquitos pedidos.

Conservando as suas belas feições, apenas amaciadas por um doce ar feminino e ausência de bigodes.



... dum palácio que nada tinha que invejar... (Pag. 63)

e barbas, os três rapazes, mudados agora em gentis damas, elegantemente vestidas à moda do tempo, subiram as escadas, apoiados aos vistosos guarda-sóis que lhes tinham substituído as espadas. A Fada Loira

descera uns degraus ao seu encontro e, pegando na mão de Guilherme, disse-lhe :

— Vem, minha Clara : chamo-te assim porque se-rás tu *que farás luz nas trevas*. A tia Perpétua, disse dirigindo-se ao pagem, chamo-te assim porque hasde perpetuar o amor por mim em tôda a face da terra, e a tia Glória, assim te chamo porque te cobrirás de *glória* pelos teus actos de valor em prol da nossa causa. Aqui tens os mosquitos que pediste, minha amiga ; são todos muito bem adestrados e obedientes, sendo dignos de tôda a tua confiança. Chamam-se *Dó, Ré, Mi, Fá, Sol*. Agora outro assunto : Deveis receber visitas de tôdas as notabilidades da terra, porque eu fiz anunciar a vossa chegada em todos os jornais de Nimbria. Direis que sois da nossa origem mas nascidas e criadas nas formosas terras de Portugal. Agora, que já vos instruí de tudo que é conveniente, só tenho a acrescentar que é bom não abusar do meu nome extraordinariamente.

E, depois de lhes apertar as mãos desapareceu de repente à vista delas.

As três jovens entraram na primeira sala. Ali, antes de mais nada, Clara abriu a gaiola dos mosquitos e disse :

— *Dó*, vai à cabeceira da cama do primeiro ministro e fá-lo sonhar na imensa glória que êle teria se deixasse para sempre na história o seu nome gravado como o do restaurador da Pátria. Tu, *Ré*, visita a rainha e faz-lhe sonhar com a grandeza da nação. De ti,

Mi, espero que vás ao castelo do príncipe Dórdio e lhe segredes que, escutando o seu astrólogo, deu ouvidos a um traidor. *Fá*, vai introduzir-te no quarto do ministro dos estrangeiros e escuta a conversa dêle com a esposa. E tu, amigo *Sol*, procura Pelaio Anures, pela cidade, e vê se o tentas a vir visitar as estrangeiras recém-chegadas.

Os mosquitos saíram pela janela tomando várias direcções, e as três raparigas entraram na formosa sala de jantar, onde as paredes eram forradas por magníficos espelhos de Veneza, e sentaram-se à mesa em frente dum opíparo jantar. Clara não comia, devorava. Ver-se livre dos seus perseguidores e perfeitamente a salvo do perigo de poder torná-los a encontrar, deu-lhe, além da fome, um excelente bom humor. Glória imitava-lhe a boa vontade, e Perpétua, mais comedida, ouvia-as a ambas conversar e pouco se misturava na discussão. Também comia pouco e aprovava uma ou outra das interlocutoras, ou por um sorriso ou por um gesto.

Quando a refeição terminou foram ver o palácio e as suas magníficas dependências. O quarto de Clara era lindo, todo forrado de sêda côr de rosa e oiro, os móveis forrados de setim da mesma côr, e a cama, tãda doirada, oculta por espessos cortinados côr de rosa, presos no tecto por uma argola também doirada, da qual pendiam fartos festões de rosas e troncos de hera. Entrando naquele quarto soltaram tãdas uma exclamação de prazer e de assombro. Nunca tinham visto

tanta opulência aliada a um gosto tão escolhido. O quarto de Glória era o mesmo, mas forrado de azul e prata, e todos os móveis nessas côres. O de Perpétua era verde-mar e todos os móveis eram de cristal, até o leito, e, embora o leitor julgue que os outros dois eram mais bonitos do que este, engana-se. Havia nele uma frescura, uns tons suaves e diáfanos que agradavam mais, se é possível, do que as côres formosas e opulentas dos outros dois aposentos. Quando terminaram a visita dos jardins e do longo parque que lhes ficava anexo, estavam estafadas e resolveram recolher-se aos seus quartos para descansarem das fadigas diurnas. Mas as surpresas ainda não tinham terminado para elas. Cada uma tinha uma aia preta, vestida com as côres do quarto, como se ela própria fôsse também um objecto. Sigamos Clara, primeiro, como a personagem mais importante desta história. Depois de despida e metida no leito, despediu a criada e cerrando as pálpebras, adormeceu; mas, ao soarem as doze badaladas da meia noite, acordou repentinamente. Tinha diante de si a Fada Loira. Olhando em volta, viu o seu quarto transformado numa quadra longa e austera, com paredes forradas por coberturas verdes, ao longo das quaes pendiam vários e magníficos petrechos de guerra. À cabeceira da sua cama estava uma soberba espada e uma rica armadura, e, reparando em si própria, viu-se homem forte e robusto. Não cabia em si de espanto e olhava, fascinado, para

a Fada Loira, que a poucos passos do leito lhe sorria dizendo :

— Eu virei tôdas as noites, ao soarem as doze badaladas, lembrar-te que és homem e deves cumprir a tua promessa. Rodeei-te de todos os atractivos do luxo e da sedução, para te tornar a propaganda mais fácil, porque, como sabes, é quási sempre de cima que as ideas veem, e que mais fácil é espalhá-las; mas é necessário que não te deixes amolecer pela comodidade e pelo confôrto. Não te esqueças de mim.

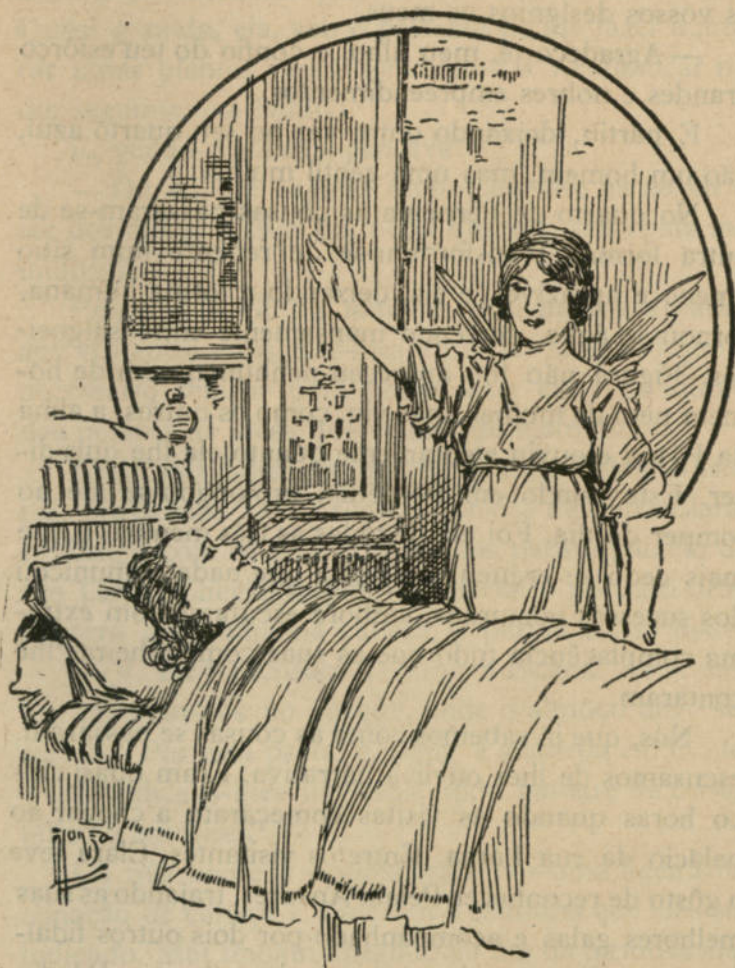
E dizendo estas últimas palavras, desapareceu aos olhos deslumbrados de Guilherme, que retomou imediatamente, com o seu quarto côr de rosa, as formas gentis de Clara.

Foi-lhe difficil conciliar o sono, mas tendo-o conseguido, só acordou no dia seguinte quando o sol, já alto no horizonte, convidava os pobres ao frugal jantar.

Glória dormia também, quando acordou sobressaltada, e viu diante de si a Fada Loira, que lhe disse com bondade :

— Eu sou a alma da Pátria e estou-te grata pelos serviços que prestaste ao meu campeão. Henrique Veber, lembra-te que és homem e que te deves e me deves fortuna.

Olhando em roda, viu uma transformação idêntica à que se tinha dado com Guilherme. Fitou-se a si próprio, como êle fizera, e viu-se homem forte e valente. Então, respondeu com calor :



— Eu virei tôdas as noites... (Pág. 68)

— Senhora, as vossas ordens são leis para mim, os vossos desígnios os meus.

— Agradeço-te, meu filho, e confio do teu esforço grandes e nobres empreendimentos.

E partiu, deixando outra vez no seu quarto azul, não um homem, mas uma gentil mulher.

No quarto de Perpétua as cousas passaram-se de outra forma. Transformou-se de repente num sítio ameno e aprazível, e ela, deixando a forma humana, tornou-se água, correndo mansamente entre salgueiros. Figura não lhe apareceu nenhuma, nem de homem nem de mulher, mas viu, como os outros, a alma da Pátria e ouviu atentamente quanto ela lhe quis dizer. Este estado em Perpétua, prolongou-se até ao romper do dia. Foi ela de tôdas as três meninas a que mais cedo se ergueu e a única que nada comunicou dos sucessos nocturnos, embora escutasse com extrema complacência tudo que as suas companheiras lhe contaram.

Nós, que já sabemos como as cousas se passaram, escusamos de lhes ouvir a narrativa. Eram quási cinco horas quando as visitas começaram a chegar ao palácio da rua Larga. Entre os visitantes, Clara teve o gôsto de reconhecer Pelaió Ansures, trajando as suas melhores galas e acompanhado por dois outros fidalgos que vira sentados à mesa do príncipe Dórdio Clara, muito amável com todos, foi, particularmente, cativante com êste homem que ela sabia temível e queira chamar à sua causa. Pelaió Ansures estava en-

cantado da gentileza com que era recebido e verdadeiramente fascinado pelos belos olhos da linda Clara. Quási à saída, ela, sob o pretexto de lhe fazer admirar umas plantas raras, convidou-o a vir almoçar no dia seguinte, em família.

E, vendo-o afastar, pensava :

— Ou eu me engano muito, ou êste há de vir a ser dos meus, apesar do muito que tem feito para me inutilizar.

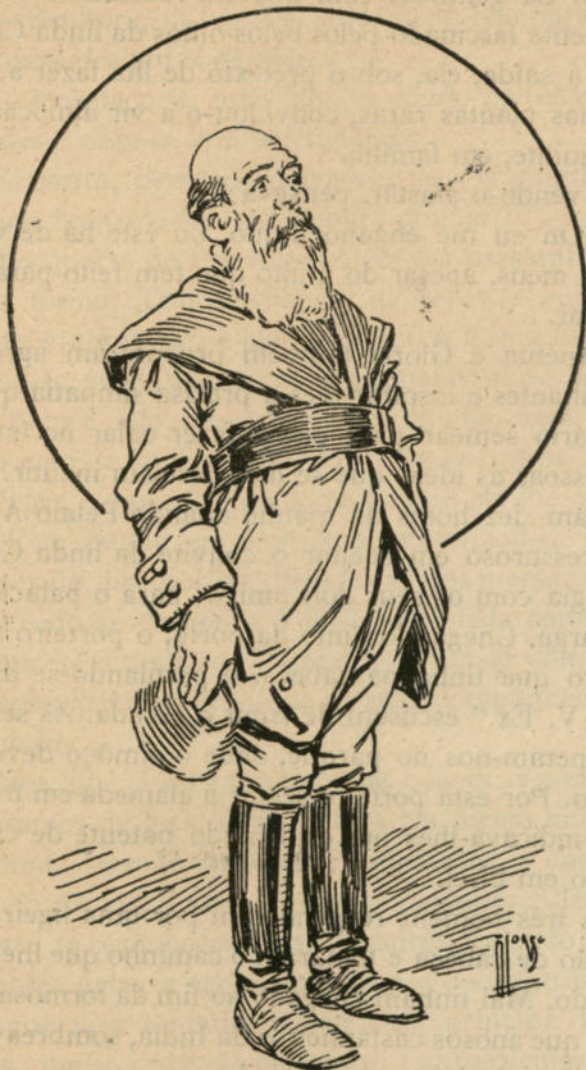
Perpétua e Glória também procuraram agradar aos visitantes e inspirar-lhes a precisa simpatia que é necessário semear para poder fazer calar no íntimo das pessoas as ideas que se lhes desejam incutir.

Eram dez horas da manhã quando Pelaio Ansu- res, pressuroso em aceitar o convite da linda Clara, se dirigia com os seus dois amigos para o palácio da rua Larga. Chegando junto da porta, o porteiro tirou o gorro que tinha na cabeça, e perfilando-se disse :

— V. Ex.^{as} escusam de subir a escada. As senhoras esperam-nos no parque, onde o almôço deve ser servido. Por esta porta, e seguir a alameda em frente.

E indicava-lhes um esplêndido batente de cristal talhado em bisel.

Os três homens responderam por uma ligeira inclinação de cabeça e tomaram o caminho que lhes era indicado. Mal tinham chegado ao fim da formosa alameda, que anosos castanheiros da Índia, sombreavam, pararam, enlevados num melodioso canto, ao qual se ligavam os maviosos sons duma harpa.



... gorro que tinha na cabeça ... (Pag. 71)

— ; Por Deus! exclamou Pelaio, transportado, voltando-se para Rui Vaz, parece-me ouvir os próprios anjos do céu.

— Tendes razão, amigo, ainda não ouvi vozes semelhantes.

— Demorai-vos um pouco e escutemos.

— Escutemos.

As vozes diziam assim em câro :

O' linda terra da Pátria,
; Quem te verá sem te amar?
; E quem é que pode, amando-te,
Não te erguer n'alma um altar?

O' terra das amendoeiras,
E dos laranjais em flor,
Onde os ribeiros murmuram
Eternas canções de amor,

Eu hei de morrer por ti
Para mais vida te dar.
O' terra santa da Pátria,
; Quem te não há de adorar?

Clara

Palavras leva-as o vento,
São belos sons, nada mais.

Eu penetro o pensamento,
Sei mais do que me contais.

¿ Que importa que deis, a sós,
Á palavra tantos brilhos,
Se quando ergo a minha voz
Não me respondem os filhos ?

Perpétua e Glória

O' linda terra da Pátria,
¿ Quem te verá sem te amar ?
¿ E quem há de ficar, vendo-te,
Se a tua voz o chamar ?

O' terra dos castanheiros
E dos longos pinheirais,
Onde os ciprestes nos lembram
Os que já não voltam mais,

Darei a vida por ti
Para mais vida te dar.
Nenhum de nós será surdo
Se a tua voz se elevar.

Clara

A voz da Pátria é baixinha,
Mas entra no coração

Como a voz duma netinha,
Em rijo peito de ancião.

Se desejardes ouvi-la,
O vosso ouvido apurai.
E se quiserdes senti-la,
O coração segurai.

Perpétua e Glória

O' linda terra da Pátria,
¿ Quem te há de ver sem te amar?
Por ti não há sacrificio
Que se não possa aceitar.

O' terra das vinhas verdes
E dos maduros trigais,
Hei de dormir no teu seio
Como dormiram meus pais.

Eu hei de morrer, amando-te,
Embora morra por ti,
O' terra amada da Pátria,
Onde primeiro a luz vi.

O' terra das amendoeiras
E dos laranjais em flor,
No coração de teus filhos
Serás o mais forte amor.

O peito pulsa apressado
Ao dizer-se o nome teu.
És o sol que o brilho ofusca
Dos outros astros no céu.

Clara

Feliz o homem que à Pátria
Deu talento e coração,
Ou que sucumbe, servindo-a,
Co'a mais santa devoção.

Seu nome, através dos séculos,
Sempre honrado há de ficar,
Porque as páginas da história
O hão de ao mundo apontar.

Perpétua e Glória

O' terra amada da Pátria,
¿ Quem te não há de exaltar?
No sacrário da minh'alma,
Depois de Deus tens lugar.

.....

Pelaio Ansués, apesar de enlevado na beleza das vozes, acabou por perder a paciência vendo que o canto era interminável, e decidiu-se a interrompê-lo

aparecendo, com seus companheiros, junto das cantoras.

Clara era quem tocava harpa e cantava só; as outras duas respondiam.

Vendo aparecer os três cavaleiros, as jovens suspenderam a música e foram ao seu encontro.

— Eu não sei, senhora minha, disse Pelaio galantemente, depois de trocar os cumprimentos do estflo, se me deva julgar na terra, se no céu.

— Confundis-me, cavaleiro. É uma modesta canção a que terminávamos quando chegastes. Numa das nossas viagens conhecemos um rapaz, quasi criança ainda, que dava pelo nome de Guilherme, o Bom, e foi êle que nos ensinou êste canto sentido, mas um pouco triste, ¿ não é verdade?

Ao nome de Guilherme, o Bom, o cavaleiro não pôde conter-se que não preguntasse :

— ¿ Era um rapaz loiro, de olhos claros?

— Era.

— ¿ E não tivestes ocasião de o ver ainda em Nimbria?

— Não, senhor cavaleiro, e confesso-vos que muito apreciaria a sua vista. ¿ Sabeis porquê?

— Ainda mo não dissestes.

— Porque êle é, como eu, um apaixonado da Pátria e não deixa de trabalhar em seu favor um único dia.

Pelaio Ansures ficou um momento desconcertado, mas, recobrando-se, preguntou :

— ¿ Que dirieis vós se eu vos preguntasse, como na antiga canção :

¿ Que darieis vós, senhora,
A quem o trouxesse aqui ?

— Daria os mais vivos e profundos agradecimentos,

— E' pouco, senhora ; eu queria mais.

— ¿ Como na canção da bela Infanta ?

— Exactamente, senhora.

Clara sorriu e volveu :

— E' caro demais, cavaleiro. Contudo não vos responderei com a dureza com que a bela Infanta se houve para com o gentil capitão. Eu não tenho o mesmo empenho de ver Guilherme, o Bom, porque êle não é meu marido, nem mesmo meu irmão. Mas estimar-vos-hei tanto como o estimo a êle, se vier no conhecimento de que os nossos gostos e crenças são idênticos. Agora, vejamos a rara planta em que vos falei, e depois vamos ao almôço que já deve estar arrefecendo.

Perpétua deu o braço a Rui Vaz, Glória a Gastão Carvalhido, e Clara, apoiando-se ao de Pelaio Ansu- res, tomaram todos pelas estreitas ruas do parque, conversando e rindo alegremente. Chegando junto da estufa, Clara mostrou uma alta e bonita planta ao seu hóspede, dizendo-lhe :

— Esta é a planta de que vos falei. Dá um fruto pequeno, mas muito saboroso. Quem comer dêle vê,



... as criadas pretas apressaram-se... (Pág. 82)

momentâneamente adormecido, o passado, o presente:
e o futuro.

— Gracejais comigo, senhora? —

— De modo algum.

— Então, se o permitis, deixai-me, por experiência, conhecer os seus maravilhosos efeitos.

— Com todo o gosto, mas depois de me terdes feito honra ao almôço.

E Clara, enquanto respondia, colheu nove frutos e ofereceu três a cada um dos convivas, dizendo:

— Depois do café, podeis comer sem receio e, quando despertardes, a vossa vida não terá mistérios que não saibais.

Incrédulos e intrigados, os cavaleiros meteram os frutos aos bolsos e seguiram as suas companheiras ao palácio, onde lhes foi servido um esplêndido almôço. Todos se mostraram alegres e despreocupados, mas Clara notara que, desde que pronunciára o nome de Guilherme, o Bom, o seu principal hóspede ficara levemente scismador, embora o procurasse disfarçar. Estavam no meio da refeição quando os cinco mosquitos, mandados por Clara a recados vários, começaram chegando e, aproximando-se da sua dona, zumbiam segundo o tom da nota que lhes dava o nome. Ela escutava-os, sem que ninguém desse por isso, e ia-os pousando no ramo de flores que trazia preso na cintura. Quando o mosquito, que ela tinha enviado ao príncipe Dórdio, lhe segredou o resultado da sua missão, o rosto de Clara não pôde reprimir uma expressão de intenso júbilo, e Pelaio Ansuers, que não tirava os olhos dela, perguntou-lhe:

— Que idea foi essa que vos ocorreu, minha

gentil senhora? O vosso rosto tornou-se repentinamente tão risonho e resplandecente que, se não sou indiscreto. . .

— De modo algum. Pensava que me seria muito agradável ver-vos defender a nossa causa.

— ¿E qual é a vossa causa?

— A da Pátria, como já vos disse.

Pelaio Anures franziu a testa e ia talvez responder pouco amavelmente, mas coibindo-se, indagou:

— ¿E em que posso eu, humilde gentil-homem, servir a vossa causa?

— Associando-vos a ela.

— Mas, senhora, para se entrar numa associação é necessário conhecer bem as condições que temos de aceitar, os deveres que temos de cumprir, e saber se os consócios nos conveem. Claro, que, se todos tiverem a vossa gentileza e bondade, não haverá quem se recuse a servir a emprêsa com tôda a devoção.

— Sois muito amável, senhor cavaleiro, mas muito acautelado e precavido também. Não estou, por emquanto, habilitada a responder-vos satisfatoriamente; contudo posso garantir-vos que o príncipe Dórdio virá com a sua gente e com a sua palavra autorizada, ajudar a erguer o espírito abatido da nação.

— Era essa a sua intenção a última vez que lhe falei, mas o seu astrólogo, consultando os astros, creio que lhe deu conselhos absolutamente contrários.

— Que êle não escutou nem seguirá, como tereis de observar.

Perpétua, falando com Rui Vaz, tinha conseguido sem esforço que êle lhe promettesse defender a causa da Pátria e que, no desejo de se mostrar galante, levasse o seu desinterêsse a ponto de lhe dizer :

— «Mandai, que eu obedecerei.»

Por seu lado, Glória não tentou convencer Gastão Carvalhido, nem mesmo aludira a tal assunto, a não ser quando se ergueram da mesa e se dirigiram ao terraço, onde os esperava o café colocado sôbre uma pequena mesa e rodeado por altas e cómodas cadeiras.

As criadas, pretas, apressaram-se a servir o delicioso licor. Então, Glória disse a Carvalhido :

— Agora é que os seus frutos se devem comer.

— É verdade! Nem já me lembrava disso.

E Gastão, e com êle os seus amigos, tiraram os frutos dos bolsos e comeram-nos, assegurando que os achavam deliciosos e comeriam mais com muito prazer.

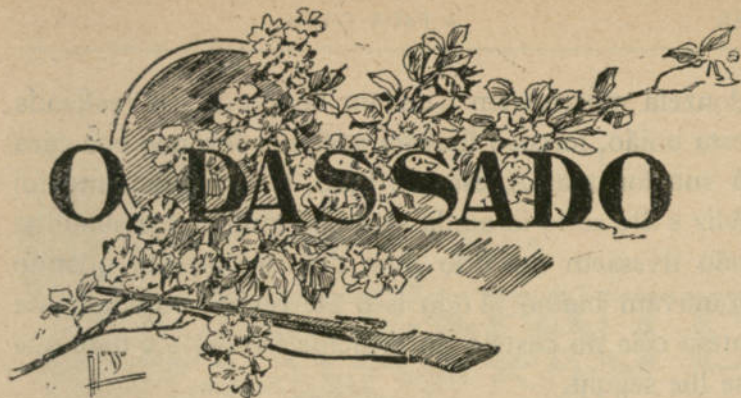
Clara affiançou-lhes que, se comessem mais, lhes faria mal, motivo pelo qual se não apressava a satisfazer-lhes o desejo. Conversaram ainda, porém um sono invencível começou a apoderar-se dêles. Pelaió Ansures tentou reagir.

— É inutil, disse-lhe Clara. Dentro em pouco terão tomado conhecimento com o futuro e ser-nos-hão inteiramente dedicados.

As últimas palavras já não foram ouvidas por nenhum dêles.

Então Clara, vendo-os adormecidos, fêz sinal às suas duas companheiras, e, recolhendo ao seu luxuoso escritório, onde os móveis eram de ébano e marfim, sentou-se à secretária e elaborou com elas os estatutos da associação poderosa que devia restituir à Pátria o antigo fausto, pela dedicação e desinterêsse dos seus filhos. Clara tinha muito bom senso e uma nítida noção do dever. Assim, os preceitos a seguir, eram simples e justos. A sua divisa: *Tudo pela Pátria*. Terminada a tarefa e tendo as três concordado que ela estava bem, voltaram ao terraço onde os cavaleiros ainda estavam imersos no mais profundo sono.





© sonho de Pelaio Ansuers

Viu primeiro a sua descuidada infância, passada nas margens do rio Corre-Corre, junto de sua boa mãe, depois a entrada na casa do príncipe Dórdio, a sua educação de caçador, de pagem, as lições na sala de armas onde, em pouco tempo, foi um dos primeiros. Emfim, quando ninguém o excedia em bem trinchar uma peça de caça, nem levava a palma num torneio, quando conhecia mal o latim e ajudava bem à missa, aprendeu bem a escrever o seu nome e razoavelmente o resto. Como lia sofrivelmente, era tido por um dos mais distintos e sabedores cavaleiros de então. O príncipe Dórdio pensou em o casar com sua irmã Pompónia, e, bem que nem o cavaleiro nem a

donzela mostrassem o menor desejo de ver realizada esta união, forçoso lhes foi aceitá-la fazendo boa cara à sua fortuna. Apesar-de tudo, o seu casamento foi feliz e êle sê-lo-ia ainda se a sua mulher e a sua filha não tivessem morrido dum desastre no rio, quando tomavam banho. Tudo isso êle revivia rapidamente até à ceia no castelo do príncipe Dórdio e a tudo que se lhe seguiu.





O PRESENTE

Não estava contente de se ter deixado sugestionar tão rapidamente pelas razões do astrólogo. Êle não falara com o príncipe, não o consultara, também não reflectira e, turvando, ao ouvir a longa fala do velho, talvez pelo descostume em que estava de que êle dirigisse a palavra a alguêm, procedera impulsivamente sob a impressão do egoismo naturalmente revoltado. Agora pensava friamente e não sabia se fizera bem. Como julgaria o príncipe, seu cunhado, a conduta que tivera quando êle próprio se alcunhava de precipitado e irreflectido? Depois o seu coração, embora já não fôsse muito moço, sentia-se preso dos encantos de Clara, sorrindo-lhe a idea de a fazer sua segunda espôsa.



Êsse desejo era irrealizável, do que se vinha naturalmente a consolar desposando outra mulher não menos formosa. O príncipe, que não ficara contente, acabaria por se congraçar com êle. Guilherme, o Bom, conseguiria levantar o espírito da nação, e Pelaio Ansuures tornar-se-ia um personagem importante, vivendo até ao fim da sua longa vida, alegre e feliz, com prosperidade e grandeza.

*

*

*

Emfim, tendo cada um dos cavaleiros sonhado o passado e o presente, como de facto haviam sido, acreditaram piamente que o futuro sonhado era o que lhes estava reservado e, como os sonhos eram agra-

dáveis, acordaram bem dispostos e de rostos prazenteiros, mas envergonhados de terem adormecido diante de senhoras.

Muitos meses se prolongou em Nimbria a estada das três gentis raparigas. Um dia, porém, Clara, convencendo-se de que a sua propaganda ali estava feita, percorreu tôdas as cidades e principais vilas do reino, com as suas duas amigas e os seus cinco mosquitos. Em tôda a parte foi bem recebida, devido à sua beleza e opulência, e as ideias que semeou desenvolviam-se rapidamente. Certa de que podia considerar a sua causa quasi ganha, pediu à Fada Loira, quando, à meia-noite, ela lhe veio lembrar os seus deveres, que a deixasse tomar a sua verdadeira forma.

Ela pareceu hesitar, e perguntou-lhe :

— Não será cedo ainda ?

— Creio que não, senhora.

— Então seja feito segundo a tua vontade.

No mesmo instante, Guilherme achou-se com os seus dois companheiros na margem do rio onde, pela primeira vez, lhe apparecera a *Alma da Pátria*, chorando. O seu rebanho pastava mansamente, espalhado pelo prado florido, e um rapazito, pouco mais ou menos como elle era dantes, tocava numa flauta de cana confeccionada por elle nas horas vagas. Três cavalos, seguros à rédea por três pagens de distinto aspecto, esperavam-nos para os conduzirem onde lhes aprouvesse dirigirem-se.

Guilherme sentiu um louco desejo de ir abraçar

o velho cura, mas quando dava uns passos na direcção da residência paroquial, pensou :

— ¿Que vou eu lá fazer ? ¿Como poderei justificar aos seus olhos o meu procedimento, que êle, de certo, alcunha de inqualificável ?

Parou, enxugou o rosto alagado em suor, e voltou resolutamente sôbre os seus passos.

Henrique e Roberto, parados junto das suas montadas observavam-no em silêncio. Êle aproximou-se do cavalo, saltou sôbre êle e, aproximando-se do pastor que de costas para êles estava, perfeitamente entregue à sua paixão musical, disse-lhe em voz comovida :

— Quando voltares a casa, dirás a teu amo que Guilherme o não esqueceu. Muito cedo tenciona ir abraçá-lo e implorar o perdão das suas culpas.

O rapaz olhava-o com espanto e como quem procura avivar recordações. Mas Guilherme, sem lhe dar tempo a perguntas, meteu esporas ao cavalo e desapareceu a seus olhos, seguido pelos seus dois amigos e pelos três pagens. Chegando perto do castelo do príncipe Dórdio, numa disposição de espírito muito diversa da que tinha três anos antes, o nosso herói pediu a Roberto que abrisse a gaiola de prata que continha os cinco mosquitos, que êle pedira á Fada Loira para conservar, e lhe desse o *Dó*. Roberto obedeceu.

Então pegando delicadamente no insecto pelas asas, Guilherme disse-lhe :

— Precede-nos junto do príncipe e cumpre fielmente a tua obrigação.

E, entreabrindo os dedos, deixou-o voar. Depois, dirigindo-se a Roberto, ordenou:

— Vai, como há três anos, mas seguido do teu pagem, pedir ao príncipe, pousada nos seus paços para Guilherme, o Bom, e para os seus companheiros.

Entretanto, o mosquito, voando com a maior velocidade, entrara nos quartos do príncipe e, volteando ao redor da sua cabeça, segredava-lhe:

Zum, zum, zum,
E's mais valente que nenhum.

Quem nada faz merece bem
Ser sempre olhado com desdêm.

Zum, zum, zum,
Faze por ser mais que nenhum.

Quem muito ao alto quer subir,
Firme-se bem, não vá cair.

Zum, zum, zum,
E's mais valente que nenhum.

Pancada, amigo, é argumento
Que serve só para um jumento.

Zum, zum, zum,
Faze por ser mais que nenhum.

Quem quer gozar sem padecer,
Não pode a vida conhecer.

Zum, zum, zum,
És mais valente que nenhum.

P'ra dominar ouve a razão,
Não dês ouvidos ao coração.

Zum, zum, zum,
Faze por ser mais que nenhum.

Se aos bons queres agradar,
Nunca te faças mal julgar.

Zum, zum, zum,
E's mais valente que nenhum.

Põe teu desejo e devoção
Onde possas erguer a mão.

Zum, zum, zum,
Faze por ser mais que nenhum.

Não faças mal o teu caminho,
Não vás chegar ao meio sòzinho.

Zum, zum, zum,
E's mais valente que nenhum.

Vê que a injustiça as paixões solta
E mesmo aos bons causa revolta.

Zum, zum, zum,
Faze por ser mais que nenhum.

Não puxes sempre, sem parar.
Tensão de mais pode quebrar.

Zum, zum, zum,
E's mais valente que nenhum.

Não pode nunca ser amado
Quem para os mais não tem agrado.

Zum, zum, zum,
Faze por ser mais que nenhum.

Guilherme, o Bom, tem de vencer,
Pois tem o dom de convencer.

Zum, zum, zum,
E's mais valente que nenhum.

Chega o momento de se ilustrar
Quem pela Pátria quiser lutar.

Zum, zum, zum,
Faze por ser mais que nenhum.
Pum, pum, pum,

Se vais à guerra
Não escapa um,
;Pum, pum, pum!

O príncipe, ouvindo zumbir o mosquito, julgava suas as ideas que êle activamente lhe sugeria e sacudia-o com a mão, como nós costumamos fazer quando os mosquitos vulgares nos importunam. Nisto, vieram trazer-lhe o recado de Guilherme e, como êle estava ao facto de quanto se havia passado no castelo, anos antes, não pôde deixar de exclamar com admiração:

— É realmente um homem, visto que tem a coragem precisa para voltar aqui.

«Que entre, que entre, disse êle pressuroso. E trouxe-o directamente aos meus aposentos.»

O criado curvou-se e saiu. O príncipe, interdito, sem saber se devia ignorar, se mostrar conhecimento dos factos, ficou de pé no meio da sala, fitando com embaraço os grandes ramos de flores tecidos no magnífico tapete. Entretanto, Guilherme e os seus companheiros, tendo entrado no castelo, foram introduzidos junto do príncipe com tôdas as deferências. Sua alteza deu uns passos ao seu encontro, exclamando em tom de satisfação:

— Ora até que enfim os torno a ver, meus amigos; porque razão partiram sem me dizer adeus?

E o príncipe, bem que mentisse, tinha na voz um acento de sinceridade que convenceria pessoas mais crédulas e menos bem informadas do que os nossos heróis.

Guilherme volveu-lhe com um sorriso levemente irónico:

— Meu senhor, nós não partimos, fugimos. Esta é que é a verdade, e aqui tem Vossa Alteza Henrique Veber que, melhor do que eu, lhe pode contar como conseguiu salvar-nos a vida.

— Salvar-lhes a vida?

— Sim, meu senhor.

— E se nós não tivéssemos de Vossa Alteza a melhor e mais subida opinião, não teríamos vindo hoje, nós, sem armas e sem homens, entregarmo-nos nas suas mãos.

— Agradeço-vos a confiança. Mas, contai-me. Como foi isso?

Então Henrique Veber referiu tudo quanto já sabemos e o príncipe conhecia.

Êste escutava-o, fingindo reprimir a custo a indignação. Finalmente, ergueu-se exclamando:

— É preciso que justiça seja feita. Violar os sagrados direitos da hospitalidade! E' crime para que não conheço perdão.

Voltando-se para o seu camarista, o príncipe Dórdio ajuntou:

— Manda vir aqui o astrólogo.

D. Praxedes entrou pouco depois.

— «E' possível, vil e abjecta criatura, que te atreveses a sublevar os meus homens contra amigos que eu acolhi com favor?»

Fiado em estar representando uma comédia, o astrólogo prestou-se da melhor vontade a desempenhar o papel que o príncipe lhe distribuía, e confessou alto as suas culpas implorando a benevolência dos ofendidos.

Os três rapazes foram prontos em perdoar, mas o príncipe mostrou-se inexorável.

— Morrerás na fôrça ao romper dalva. Retira-te da minha vista.

Sem acreditar uma única palavra desta ameaça, D. Praxedes retirou-se dando mostras de grande aflicção.

Guilherme instou pelo indulto do astrólogo, mas nada pôde obter. E, nessa madrugada, da janela principal do castelo, sua alteza assistia com os seus hóspedes e amigos, à execução do astrólogo que tinha descaído do agrado rial, não só falsamente, mas de facto, porque lhe fizera predições inexatas. E no entanto foi o príncipe Dórdio a única afeição sincera dêste velho, que êle fêz matar para dar aos outros uma impressão de possuir os sentimentos que não tinha.

Se D. Praxedes pudesse ter adivinhado, não era êle que teria tomado a iniciativa de afastar Guilher-

me, por temer a sua influência na vida do príncipe.. Quando, algumas horas depois, se reuniram à mesa do almôço, o príncipe perguntou a Guilherme se conseguira fazer a desejada propaganda, na qual lhe falara em tempos e que resultados tirara.

— Os melhores, senhor, os melhores. Agora só falta deitar abaixo o govêrno, arranjar uma constituição nova, e promulgar sábias leis.

— Pelo que dizeis parece faltar tudo.

— Não, porque o mais importante está feito.

— ;E era?

— Preparar o espírito público para os acontecimentos.

— ;Quereis proclamar a República?

— E' inútil. Todos prezam a rainha, que é uma excelente senhora.

— ;Então?

— Quero mudar os homens e os seus processos.

— ;E o regimen?

— Quando os homens sejam bons, todos os sistemas o são.

— ;Mas vós sois republicano?

— Muito convicto, senhor.

— Cada vez entendo menos.

— Pois é fácil. Ponho acima das minhas paixões pessoais a liberdade de acção e pensamento de todos, sem forçar o que há de nobre e grande nas tradições dum povo.

— ;E quando dás comêço a essa emprêsa?

— Eu vinha-vos pedir, senhor, que vos juntásseis ao Marquês de Riba-Fontes e a Pelaió Ansués, para podermos dar o golpe de Estado, no dia da abertura do Parlamento.

— Não há dúvida, serei convosco. ; Temos então de partir depois de amanhã?

— O mais tardar, se vossa alteza não mandar o contrário.

O bobo do príncipe, conhecido pelo nome de *amor perfeito*, por ser o mais hediondo e desastrado que se pode imaginar, assim que ouviu sua alteza dar ordens para os seus homens se armarem e preparárem para a partida, começou a carpir-se dum modo que era o riso duns e a raiva de outros. Clamava êle, num tom plangente e soluçando:

; Ai de mim! ; ai de mim!
; Desgraçado Amor Perfeito!
Eu nasci são e escoreito,
Veiu a guerra e põe-me assim,
; Ai de mim! ; ai de mim!

Dizem uns que sou parvinho,
Outros afirmam que não.
Eu tenho uso de razão
E, apesar de beber vinho,
Não tropeço no caminho.

; Ai de mim! ; ai de mim!

; Pois hei de deixar a terra,
Ser soldado só para guerra?

; Para que é que ao mundo vim?

; Ai de mim! ; ai de mim!

Dão-me por emblema um guizo,
Um barrete de truão.

Dizem que sou sem razão,
Presumem de ter juízo.

; Mas a quem falta mais siso?

; Ai de mim! ai de mim!

Embora me chamem louco,
Eu contento-me de pouco,
Prefiro o pé ao chapim.

; Ai de mim! ; ai de mim!

Morram todos que tem tino

E estão fartos de viver,

Mas não me façam morrer

Por ser ainda menino

E ter fé no meu destino.

; Ai de mim! ; ai de mim!

Que êsse malvado

Parece estar empenhado

Em me fazer num jardim.

; Ai de mim! ; ai de mim!

Se ao castelo 'inda voltar,
Sem de balas ser tocado,
Hei de subir, ajoelhado,
Á barbacá de Guiomar.
; Assim me possa salvar!

(Chorando, e com muita volubilidade:)

; Ai de mim! ; ai de mim!
Parece que estou perdido.
Tenho a morte no sentido,
; Oiço ao longe pim! ; pim! ; pim!
Mais valia ter morrido,
Pelas ondas ser engulido,
Do que estar doido e metido
Com gente esperta e ruim.
; Pim! ; pim! ; pim!
; Ai de mim! ; ai de mim!



Muitos dos homens que ouviam *Amor Perfeito* pensavam exactamente como êle e não podiam, por mais que contrafizessem as fisionomias, dar ao rosto uma expressão alegre e despreocupada; outros, a quem o entusiasmo e confiança dos recém-vindos se comunicara, ansiavam por partir e por experimentar a sério as suas fôrças, o que só muito raramente tinham feito em contendas pessoais.

O príncipe Dórdio juntou as suas fôrças ás do Marquês de Riba-Fontes e de Pelaió Ansures e todos,

confiando-se à sagacidade e valentia de Guilherme, colocaram-se de comum acôrdo sob a sua direcção.



Dão-me por emblema um guizo... (Pág. 109)

Êste dirigiu-se com êles a Nimbria, numa marcha rápida e tão precipitada quanto silenciosa.

Neste tempo ainda não havia nenhuma das inven-

ções extraordinárias e maravilhosas, que tornam tão terríveis as guerras e pelejas actuais. Batiam-se a tiro ou à arma branca, muita vez corpo a corpo, e quasi sempre á luz do sol. Seriam combates menos mortíferos, menos scientificos, se quiserem, mas eram muito mais nobres e denodados.

Conseguiram chegar junto dos muros da cidade sem que nenhum dos seus habitantes os tivesse pres sentido. Então, para que não houvesse alarme, puseram escadas aos muros, prenderam e mataram as sentinelas que se defendiam valentemente e, senhores da porta norte da cidade, entraram nela pacificamente, numa marcha lenta e ordenada. O povo chegava às portas para os ver passar, pasmava do seu garbo militar, como quem há muito tempo não via tropas, e perguntava a que vinham, sem que ninguém lhes soubesse responder. O govêrno estava todo reunido no Parlamento, onde a rainha não ia há muito, devido ao precário estado da sua saúde. Guilherme, que tudo sabia pelos seus devotados mosquitos, mandou um grande destacamento cercar o Paço e, com a tropa restante, dirigiu-se ao Parlamento onde aprisionou todos que lá se achavam. Antes, porém, de os deixar sair, disse-lhes:

— Eu não vos mando matar pelas graves responsabilidades que tendes nos desastres da nação, porque a vida dum homem é um capital que um povo pobre não pode nem deve perder. A ilha d'Arana, inteiramente abandonada ao gentio, nada rende ao Es-

tado. Vós ides todos povoá-la com as vossas famílias e os vossos apaniguados. Tereis propriedades, fareis plantações e o govêrno proporcionar-vos-há os meios de resgatares as vossas passadas faltas, procurando valorizar Arana e exportar-nos os seus melhores produtos em troca dos que daqui vos enviarmos.

De tôda a parte se ouviam protestos violentos; mas, como contra a fôrça não há resistência momentânea que desprevenidamente seja possível, as ordens de Guilherme foram cumpridas. Êle falou depois ao povo, acendeu-lhe no coração o fogo sagrado do patriotismo que na propaganda tão bem semeara, e dirigiu-se ao Paço rodeiado de gente e constantemente aclamado por ela.

A rainha era uma formosa mulher de vinte anos, que herdara de seu pai o trono e a beleza. Muito inteligente e instruida, via com verdadeira mágua a decadência enorme do reino e achava-se impotente, apesar da sua boa vontade, para lutar contra a vil ambição dos polfticos e dos palacianos, agravada pela indiferença de todos. Lisonjiada e adulada por quantos a rodeavam, sentia que não era sinceramente estimada por ninguém. Um dia, percebeu que todos os seus esforços eram inúteis, porque esbarravam na perversidade dos homens que punham acima de tudo o seu interêsse pessoal. Então a rainha entristeceu e, visto que tinham ousado dar-lhe a entender que as mulheres sabem e entendem de bordados e modas, mas de mais nada, resolveu não colaborar de boa

vontade no descalabro público e, sob o pretexto da doença, encerrou-se nos seus paços. Em vão os grandes do reino lhe demonstravam a necessidade de casar para ter um herdeiro. Com o pretexto de se achar muito doente, ela ia demorando o projectado casamento de ano para ano, receosa de que o rei viesse complicar ainda mais a situação. Quando Guilherme entrou no paço pediu que o acompanhassem junto da rainha. Esta estava magnificamente vestida de setim côm de pérola enfeitado de lindas penas verde bronze. Meio inclinada sôbre a mesa, lia com muita atenção a história do seu país. Sentindo rumor de muitas vozes na rua, correu à janela, apesar dos pedidos das suas damas, e notou com espanto a imensa mó de povo que estacionava à entrada do paço.

Voltando se às damas, ordenou :

— Vão saber o que é isto.

Mas nenhuma delas se mexeu, traíndo na fisionomia o grande receio que sentiam.

Então a rainha, que era uma mulher enérgica, exclamou :

— Não me ouviram? Então irei eu.

E dirigiu-se para a porta.

Quando ia transpô-la, achou-se em frente de Guilherme que, cheio de poeira, mas com a cabeça descoberta, lhe dizia respeitosamente :

— Senhora, eu venho falar-vos em nome do povo.

A rainha lançou-lhe um olhar profundo e, tendo feito rápidamente o seu juízo, disse-lhe :

— Entrai, cavaleiro, e ainda que o modo porque me abordais tem muito de estranho, estou pronta a escutar-vos.

Guilherme hesitou um segundo e perguntou :

— ¿ Tereis dúvida, senhora, de me escutardes sem testemunhas ?

— Absolutamente nenhuma.

— ¡ Senhora ! murmurou tímidamente uma das damas.

— Afastai-vos.

E, voltando-se para Guilherme, disse-lhe com serenidade enquanto se sentava com dignidade, mas sem affectação :

— Fechai vós mesmo a porta, cavaleiro, e correi o reposteiro, visto que o que tendes a comunicar-me requer prudência.

E, sem lhe oferecer uma cadeira, fitou nele o seu olhar seguro e altivo.

Guilherme nunca tinha visto a rainha. Admirou em silêncio a sua coragem e a sua beleza, e expôs-lhe os motivos que levaram o povo à rebelião. Contou-lhe tudo que de longa data havia feito em serviço da nação e o acto que no parlamento acabava de effectuar.

A rainha perdeu pouco a pouco a expressão desconfiada que lhe animava a fisionomia, o olhar brilhou-lhe com intensidade, o seio tornou se-lhe ofegante, e quando Guilherme acabou de lhe expor o seu

plano de salvação, estendeu-lhe a mão com reconhecimento e dos seus olhos correram lágrimas de júbilo.

Quando a conferência terminou, Guilherme dirigiu-se à porta e introduziu na sala o príncipe Dórdio, o marquês de Riba-Fontes, Pelaio Ansures e os seus dois amigos, Henrique Veber, Roberto, e mais seis fidalgos, que durante o tempo da propaganda reconheceram dignos de administrarem o país.

A rainha festejou-os a todos e teve para cada um uma frase escolhida. Guilherme fêz-lhe despedir todo o pessoal do palácio, menos a dama que se atrevera a mostrar receio de a deixar só com êle. Emquanto a rainha conversava com o príncipe Dórdio, o nosso herói atravessou a sala seguinte, penetrou num quarto deshabitado e exclamou:

— «¡ Alma da terra em que nasci! ¡ acode aqui! »

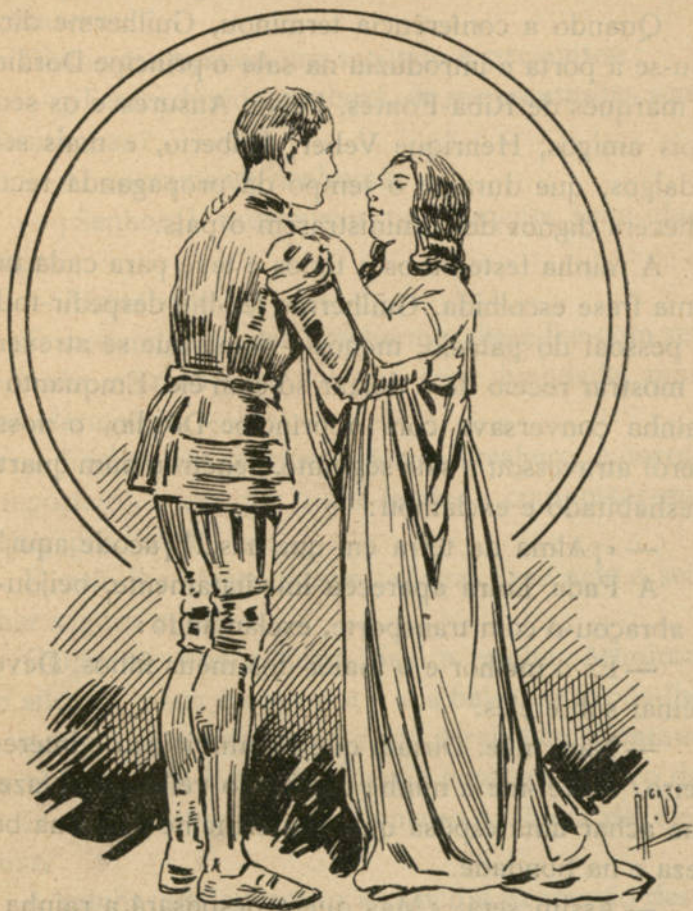
A Fada Loira apareceu imediatamente, beijou-o e abraçou-o com transporte, exclamando:

— És o melhor e o maior dos meus filhos. Deves reinar sôbre êles.

— Não, mãe. Diriam que fui ambicioso e interesseiro. Volvei-me à minha aldeia, ao velho cura, fazei-me achar uma espôsa que se assemelhe a vós na beleza e na bondade.

— Assim será. ¿ Mas quem desposará a rainha e fará dela um esteio seguro da nação?

— Henrique Veber, que é o melhor e mais altruista dos homens.



... abraçou-o com transporte... (Pág. 107)

A Fada Loira beijou ternamente Guilherme e êste perguntou-lhe a mêdo :

— ¿ Ver-vos-hei ainda ?

— Uma vez. No sítio onde primeiro os meus olhos se pousaram nos teus.

Então Guilherme, tirando do bôlso a gaiola dos mosquitos, abriu-lhes a porta e cinco formosas mulheres apareceram junto dêle, sentadas nas cadeiras onde pousara os insectos. Então, oferecendo o braço à mais formosa, Guilherme voltou junto da rainha, dizendo-lhe :

— Apresento-vos, senhora minha, as vossas novas damas. Não teem familia, mas são muito distintas, como tereis ocasião de observar. Esta senhora chama-se Justiça, esta Bondade, esta Prudência, esta Valentia, e aquella Severidade. Fazei-vos sempre acompanhar por elas e o vosso reino tornar-se-há cada vez maior. Se o permitis, aconselhar-vos-hei também acêrca do marido que deveis escolher.

A rainha fêz um gesto de acquiescência e todos pensaram que êle se ia designar a si próprio. O príncipe Dórdio, frânziu o sobrolho. Contrariado na sua imensa vaidade, achava que só êle podia e devia ser o espôso escolhido.

Guilherme, pegando na mão de Henrique, levou-o junto da rainha dizendo :

— Aqui tendes, senhora minha, o marido que vos convêm : é nobre de coração, altivo, fiel, honrado e bom : há de fazer-vos feliz. Quanto aos outros, lereis

neste papel os cargos que, para bem do reino, devem desempenhar.

A rainha passou rapidamente os olhos pela lista que lhe era apresentada, e respondeu :

— Guilherme, o Bom, destes-me em Henrique Vêber um bom espôso, nestes fidalgos um excelente govêrno, em Riba-Fontes um notável e entendido guerreiro, no meu primo Dórdio um inexcedível mordomo mór ; só me não dissestes que cargo reservaveis aos vossos merecimentos.

— Nenhum, senhora. Confessar-me-hei eternamente grato a Vossa Majestade se não esquecer as minhas desinteressadas diligências para bem a servir, servindo o reino.

A rainha pareceu desapontada.

— ; E como hei de eu recompensar-vos ?

— Não deixando perder o meu trabalho e velando com o maior cuidado para que o povo se instrua, e não seja surdo à voz da Pátria quando ela chama os seus filhos.

A rainha jurou cumprir, e Guilherme, o Bom, saiu de Nimbria nessa mesma tarde com Roberto, tão isento como êle de bens naturais. A rainha e tôda a côrte acompanharam-no até ás portas da cidade. Aí despediram-se com efusão e retomaram a trote largo o caminho da aldeia.

Quando Guilherme avistou o cura sentado à porta de casa pensou em se apear e dirigir-se imediatamente para êle.

Roberto porê m impediu-o de o fazer, dizendo-lhe :

— Esqueceis, senhor, que deveis ainda entregar o vosso cavallo e armadura, e ver minha ama pela última vez.

— Tendes razão, amigo. Vamos lá. Devo porê m confiar-te que a idea de não tornar a ver a Fada Loira me punge e dilacera o coração.

Era ao caír da tarde quando chegaram junto das margens do rio onde pasciam as ovelhas do cura. O sol parecia roda de oiro reluzente, meia mergulhada nas águas levemente encrespadas do rio. As aves chilreavam procurando nas árvores o abrigo nocturno, e a Fada Loira, sentada na margem, penteava os cabelos longuissimos e anelados, mirando-se vaidosa e sorridente nas águas que corriam a seus pés.

Aos ouvidos de Guilherme soaram estas palavras pronunciadas com enternecimento :

— ¡ Adeus, caro companheiro de longos trabalhos : sede feliz !

Voltou-se rápidamente sôbre a sela e ficou atônito : Roberto e o seu cavallo tinham desaparecido.

Guilherme fitou a Fada Loira e disse-lhe com lágrimas na voz :

— ¿ E' então certo que vos vejo pela derradeira vez ?

— Meu filho, eu tomei a forma graciosa duma bela camponeza que te fará o mais feliz dos homens. Não posso esquecer que te devo tudo. Sem ti, sem o-



— E' um ai. Nem te assentas. (Pag. 113)

teu ânimo e dedicação, eu estaria para sempre abatida. Não o esquecerei, meu bom Guilherme.

E lançando-lhe um longo olhar, afundou-se lentamente nas águas.

Guilherme caiu desmaiado.

Quando voltou a si, estava vestido de pastor e encostado a uma árvore. Espreguiçou-se, esfregou os olhos, e ficou muito pasmado vendo junto de si o bernal e o cajado, em vez do cavalo e da espada.

Lena, a sua ovelha favorita, veio lambe-lhe as mãos. Êle soltou um assobio estrídulo, ao som do qual se reuniu o rebanho, e, chamando o cão, que dormia com o focinho pousado sôbre as patas dianteiras, tomou o caminho do presbitério, pensando:

— Mas eu sonhei isto, ou foi verdade?

Passando junto da casa duns vizinhos ouviu uma voz rude que o chamava.

— Que é, ti Pedro? perguntou êle continuando a andar.

— Chegou-me a rapariga que estava a servir na cidade. Entra, e bebes uma golada à sua saúde.

— E' tarde e o senhor cura pode zangar-se.

— E' um ai. Nem te assentas.

— Seja.

Guilherme entrou e ficou como pregado ao solo, reconhecendo na filha do seu vizinho Pedro as feições da Fada Loira.

*

*

*

Passaram meses.

Todos os dias Guilherme via a sua linda visinha, de manhã e à tarde. Um dia, em que êle pensava tristemente, sentado à sombra do castanheiro anoso, se tinha sido um sonho ou realidade o seu trabalho a favor da Pátria, ouviu uma voz meiga e harmoniosa que lhe dizia :

— Santas tardes, bom Guilherme ; ¿ em que pensas ?

— ¿ Eu, visinha ? Penso que a realidade e o sonho se confundem às vezes tanto, que a gente chega a não saber o que é verdade nem o que é mentira. Mas agora pergunto eu : ¿ a que vieste aqui ?

— Vim lavar a roupa ao rio. A minha mãe não gosta da roupa lavada senão na água corrente. ¿ Mas, falavas de sonhos ?

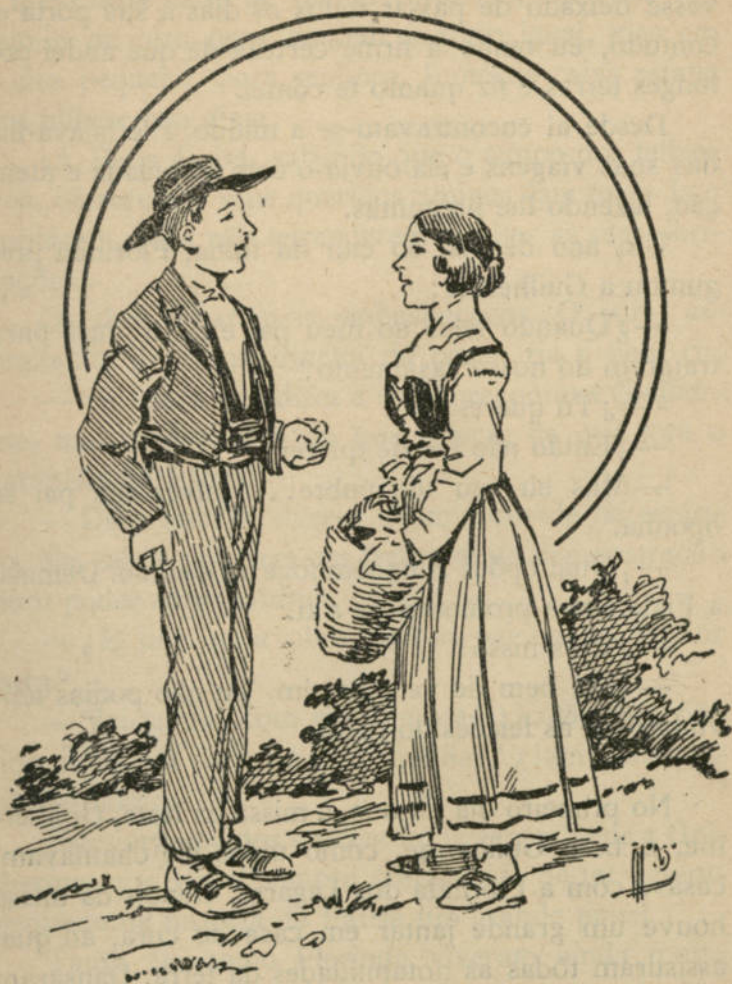
— E' verdade.

E Guilherme contou com inocente franqueza a história que acabamos de lêr e a extraordinária parecença que ela, Florinda, tinha com a Fada Loira.

A rapariga ouviu com muita atenção e exclamou convencida :

— ¿ Quem sabe se tudo isso foi verdade ?

— Tenho a certeza que não. O senhor cura, por mais que tenho feito, não faz alusão nenhuma à mi-



— Mas eu sou tão pobre... (Pag. 116)

nha ausência: teu pai fala-me como se eu nunca tivesse deixado de passar todos os dias à sua porta e, contudo, eu tenho a firme certeza de que andei por longes terras e fiz quanto te contei.

Desde aí encontravam-se a miúdo. Êle falava-lhe das suas viagens e ela ouvia-o com seriedade e atenção, fazendo-lhe perguntas.

Um ano depois, ao caír da fôlha, Florinda perguntou a Guilherme:

— ¿Quando falas ao meu pai e ao sr. cura para tratarem do nosso casamento?

— ¡¿Tu queres?!

— ¿Então não hei de querer?

— Mas eu sou tão pobre... talvez teu pai se oponha.

— ¡Qual opõe! Ninguêem foge ao destino. Demais, a Fada Loira prometeu-me a ti.

— ¿Crês nisso?

— Está bem de ver que sim. Tu não podias adivinhar-me as feições do rosto.

No primeiro dia do ano, à missa da festa, Guilherme, o bom Guilherme, como todos lhe chamavam, casava com a Florinda dos Lagares. Depois da missa houve um grande jantar em casa do cura, ao qual assistiram tôdas as notabilidades da terra. Dansaram à noite, cantaram à desgarrada, divertiram-se muito, e, quando, quási ao romper do dia, os noivos entraram no seu quarto para descansar, encontraram sôbre

a mesa uma caixa de veludo vermelho, contendo um relógio de ouro para homem e outro igual, mas em ponto pequeno, para senhora. Junto da caixa estava um bilhete que dizia :

«A Fada Loira, sabendo que o tempo dos felizes voa, oferece aos seus queridos amigos êste meio de o contarem, para não aprenderem a faltar às suas obrigações.»

Os dois olharam-se embasbacados. O cura, espreitando por uma frincha da porta, ria a bom rir.

— ;E agora que dizes a isto? perguntava Guilherme, mais convencido do que nunca, de que fôra o campeão da Pátria.

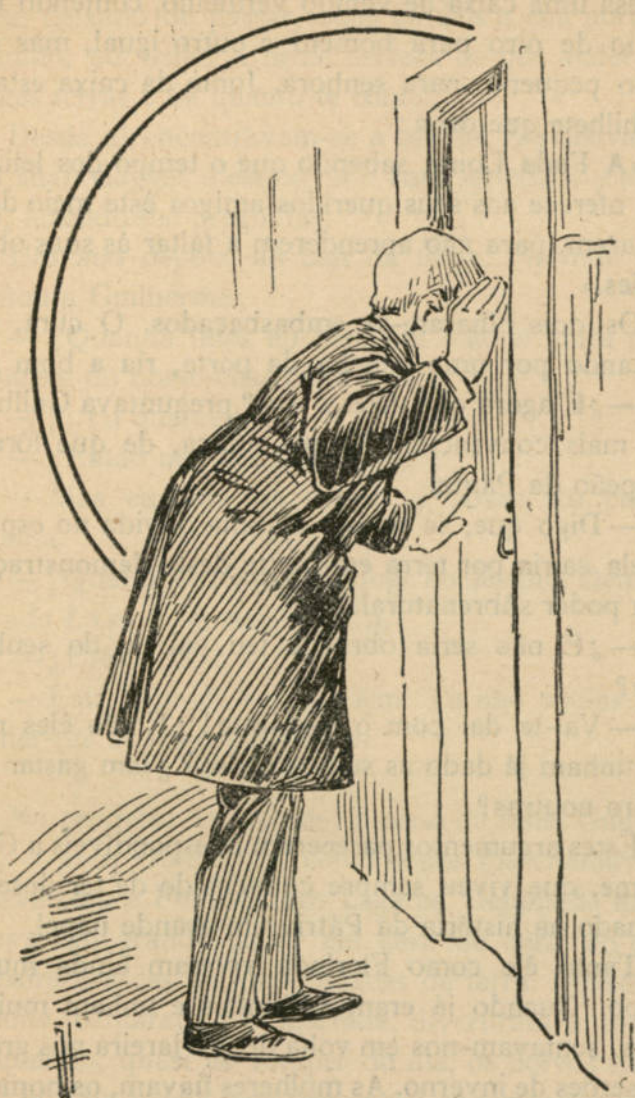
— Digo que, se tivesse alguma dúvida no espirito, ela cairia por terra em frente desta demonstração dum poder sôbrenatural.

— ;E não seria obra de teu pai ou do senhor cura?

— Vai-te dai com o disparate! ;Então êles não nos tinham já dado as suas prendas? ;lam gastar dinheiro noutras?

Êstes argumentos pareceram irrespondíveis a Guilherme, que viveu sempre convencido de ter desempenhado na história da Pátria um grande papel.

Tanto êle como Florinda viveram ainda muito tempo. Quando já eram velhinhos e tinham muitos netos, sentavam-nos em volta de si à lareira nos grandes serões de inverno. As mulheres fiavam, os homens fumavam cachimbo, e as crianças, com os cotovelos



... espreitando por uma frincha... (Pág. 117)

apoiados nos joelhos e o rostinho descansado nas mãos, ouviam maravilhados os grandes feitos que o velho avô julgava ter praticado, e tôda a família acreditava como se fôsse um Evangelho.

*
* *
*

Pregunta-me um dos leitores qual é a minha opinião.

— Meu caro menino, eu não acredito em fadas. O pobre pequeno, que o cura tornara um sábio para o tempo, entretinha-se lendo história na bem provida biblioteca do presbitério e, impressionado talvez pelas nobres figuras de Joana d'Arc, do nosso condestável e de outros, teve um longo sonho que de tal forma o impressionou. . .

— ¿ Mas a parecença da rapariga com a Fada Loira?

— Acaso, ou fôrça de imaginação.

— ¿ E o presente da fada no dia do noivado?

— Brincadeira do velho cura, que era folgazão e gostava de rir. Já vos afirmei e repito: não acredito em fadas, mas acredito em sonhos e, quando, como êste, não são maus, acho agradável sonhar. E tanto que coligi os «Sonhos dum garoto», em que não há fadas, mas maldades.

FIM

Resultados dum ataque de riso

D. Leonor Maldonado era uma senhora virtuosa e boa, mas cheia da mais estulta e desmedida vaidade que se tem visto em mulher.

A sua grande ambição era ser considerada uma artista notável: para isso daria de bom gosto a sua imensa fortuna, e até saúde e vida, se fôsse possível. Mas, não sei se feliz se infelizmente, êsse desejo estava fora do número das cousas em que a Providência lhe prometia êxito. Contudo ela não desanimava. Sentava-se junto da harpa, que tocava péssimamente e erguendo com presunção a desafinadíssima voz, parecia-lhe que era uma cantora, senão magnífica, pelo menos muito apreciável.

Em vão a professora lhe dizia :

— Senhora D. Leonor, eu tenho escrúpulo de receber o dinheiro das lições que lhe dou. V. Ex.^a não tem vocação para a música; seria melhor tentar outra cousa... talvez a pintura...

— Engana-se redondamente, D. Eduarda. Eu estou fazendo progressos rápidos que causam até a minha própria admiração. Não duvide de que eu sou uma discípula, que hei de honrar, ilustrando-o, o nome da minha professora.

Um dia, estava D. Leonor tocando e cantando ao desafio de qual das cousas faria pior, quando abrindo-se a porta, apareceu no limiar a figura elegante dum dos seus jovens criados envergando a libré com as côtes da sua casa. Curvando-se numa mesura graciosa, anunciou:

— O senhor barão da Rocha pergunta se V. Ex.^a o pode receber?

Enfadada, D. Leonor volveu ao criado:

— Então você não sabe que não é hoje dia de recepção?

— Sei, sim, minha senhora, mas o senhor barão instou por tal modo...

— Bem, bem, mande-o entrar. Não vá depois dizer que eu sou uma criatura descortês. Mas não torne a vir trazer recados dessa ordem quando eu estiver estudando.

E tornando a voltar-se para a professora, ajuntou:

— Quando me fazem interromper a lição, fico furiosa.

O barão era uma criatura, no génio muito semelhante a D. Leonor, de quem era ainda primo; sómente êle voltava-se para a poesia e fazia péssimos

versos, enquanto D. Leonor se comprazia com a sua detestável música.

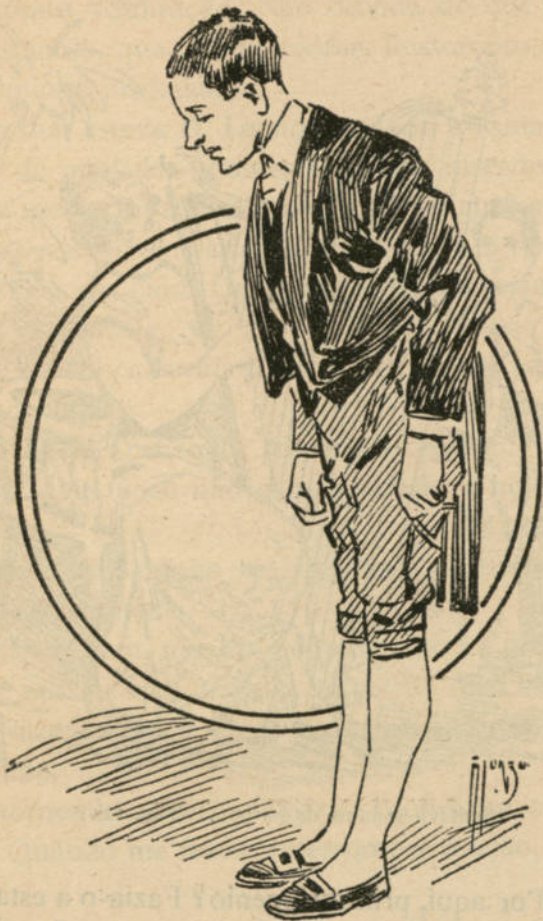


Sentava-se junto da harpa... (Pág. 121)

— ¿ For aqui, primo Eugénio? Fazia-o a esta hora no escritório da Companhia de Moagens.

— E devia estar. ¿ Mas, que quer? Quando se nasceu com queda para a poesia, quando acima de tudo se põe a inspiração, não se pode, como uma cria-

tura vulgar, estar preso, das tantas às tantas, com qualquer trabalho de administração. Hoje, li no jor-



... um dos seus jovens criados... (Pág. 122)

nal a canonisação do Santo Condestável e comovi-me até às lágrimas. É um santo bem português, bem

grande, e bem nosso. Cheio da mais viva admiração pela nobreza do seu vulto em tôdas as idades da vida, senti a imaginação arrebatarse-me e, alheado de tudo num verdadeiro êxtase dalma, compus esta tocante evocação. Oiça.

Não reproduzo a brilhante composição do barão da Rocha para que eia não cause aos olhos dos meus leitores a mesma desagradável impressão que aos ouvidos da pobre D. Eduarda causavam a harpa e voz de D. Leonor. Esta, cuja inteligência não ia mais longe que a do primo, escutou-o enlevada, disse-lhe que se orgulhava de contar entre os membros da sua família um poeta tão notável, e, sorrindo para D. Eduarda, perguntou num tom que convidava ao elogio:

— ¿ Que lhe parece, D. Eduarda?

Com modo simples, mas muito eloquente a profesora afirmou:

— As poesias dêste senhor valem a sua música, minha senhora.

Muito lisongeados ambos, agradeceram.

D. Leonor fêz pagar ao primo a condescendência de o ter ouvido recitar, e cantou, com muitas boqui-nhas e requebros, a modinha que aprendera no Mi-nho quando estivera a banhos em Ancora:

¿ Como hei de viver sem ti,
O' alma da minha vida?!
Se vais tão longe d'aqui
¿ Como hei de viver sem ti?

Qual flor na haste pendida
 Que o vento norte queimou,
 Eu ficarei ressequida
Qual flor na haste pendida,

Parado o meu coração
 Sob a terra húmida e fria,
 Tornou-se extinto vulcão,
Parado o meu coração.

Estes versos da cantiga que a D. Leonor aprendera em Ancora eram muito tristes e a melopeia também; mas a voz dela, os esgares e gestos exageradamente dramáticos que fazia davam à sua pessoa um ar tão ridículo, que D. Eduarda não pôde mais conservar-se séria. Desatou a rir com tal vontade, que a cantora e o seu primo barão olharam-na com espanto sem perceber a causa daquele ataque de hilaridade. E quanto mais êles pasmavam, mais ela ria.

Emfim tudo tem um termo. Ao espanto de D. Leonor succedeu uma grande indignação. Foi com as faces tintas do mais vivo rubor que, logo que o ataque de riso terminou, ela perguntou à professora:

— ¿E' de mim, que se riu com tanto gosto?

— Não, minha senhora.

— ¿Então de quem?

— De mim.

Desconfiada, D. Leonor intimou:

— Peço-lhe que se explique.

— ; E não se scandaliza com a minha franqueza ?
Receosa, mas não querendo mostrar que o estava,

D. Leonor afirmou :

— De modo algum.

Então a professora confessou :

— Vendo V. Ex.^{as} tão iguais, na inteligência e faculdades artísticas, pensei que deviam casar : é um par muito igual.

-- Não vejo nessa idea motivo para riso, afirmou o barão vendo que D. Leonor ficara confusa e sem saber que responder.

— E' que eu, desgostosa há muito da minha profissão, procurava sempre, sem o conseguir, um modo de vida, embora pouco rendoso, que me permitisse viver na minha casa sem ter de andar a subir e descer escadas. Achei-o agora por acaso.

— ; E é ?

— Ser romancista.

— Não vejo nessa idea, motivo para riso, insistiu o barão.

— ; Então V. Ex.^{as} não acham uma prova de toleima enorme achar num segundo, sem pensar, aquilo que tantos anos se levou a procurar ?

— E' extranho, é, mas não me causa riso.

-- D. Eduarda insistiu :

— Eu pensava : talvez daqui a uns anos nós sejamos três personagens célebres. . . talvez. A idea de ser uma mulher notável pareceu-me tão cómica !

Os dois primos e a professora desataram a rir,

mas o que tinha realmente graça é que êles riam dela e ela ria deles.

E' assim o mundo; ninguém vê o ridículo em si próprio, mas nota-o e celebra-o nos outros com prazer.

Com a idea que tivera, D. Eduarda desculpou-se para não continuar a dar lições à sua pouco intelligente discipula. Mas três meses depois recebia em casa um convite para ir assistir ao casamento de D. Leonor Maldonado com seu primo barão da Rocha.

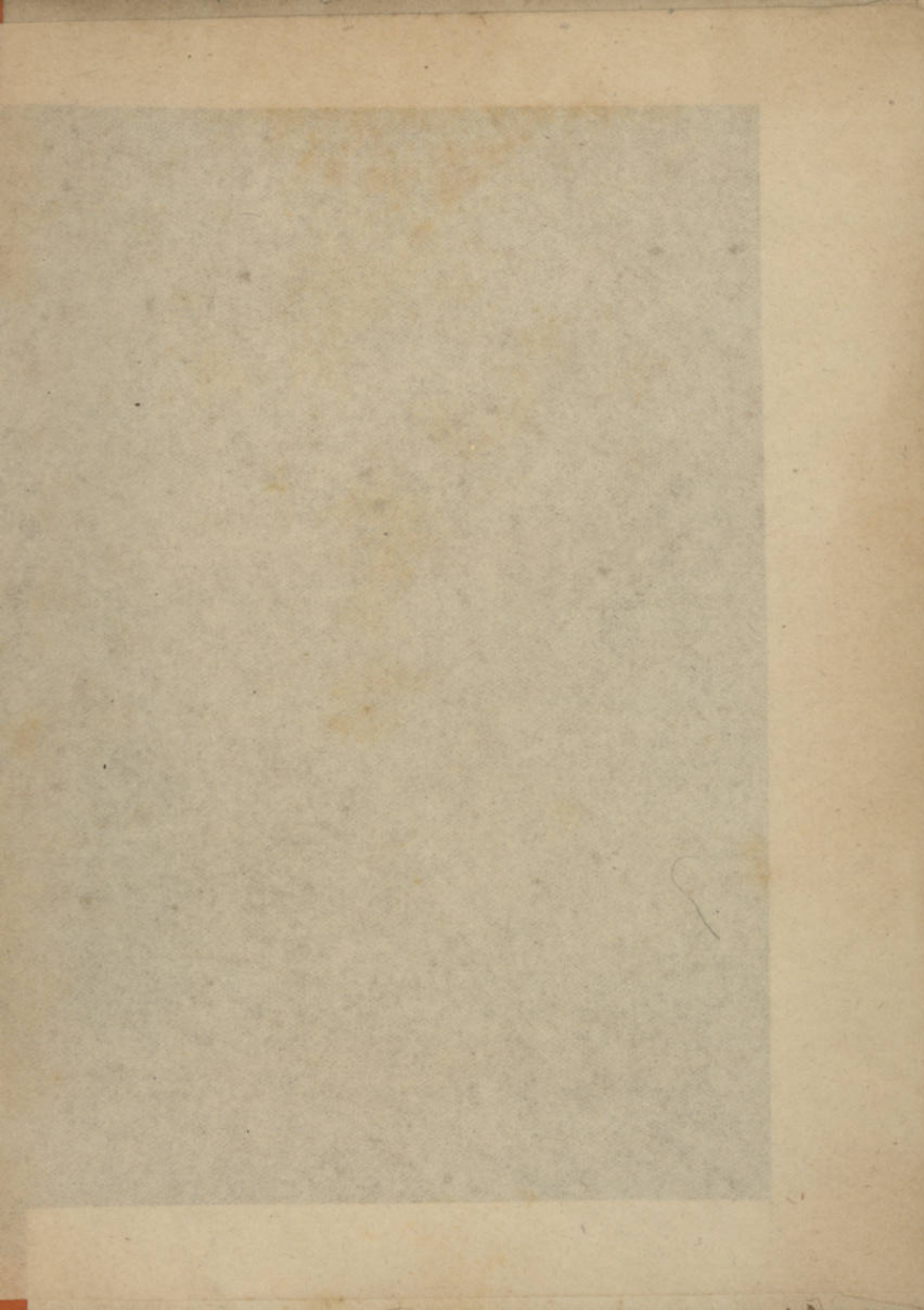
A professora não faltou. Encontrou-se nas salas de D. Leonor com tôdas as elegantes de Lisboa e foi apresentada às amigas da sua antiga discipula como uma escritora muito distinta que faria brevemente a sua estreia.

Quando o casamento terminou e os noivos apertaram pela última vez naquele dia a mão dos seus amigos, D. Leonor abraçou a sua professora com transporte, exclamando:

— E' a V. Ex.^a, minha querida amiga, que devo a felicidade; se não fôsse a sua franqueza passaríamos ambos, meu marido e eu, junto da felicidade sem a vermos.

FIM





VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Horas de folga.
- 2 — Recreações infantis.
- 3 — Para ler nas férias.
- 4 — Por bom caminho.
- 5 — Para divertir.
- 6 — Alegrias.
- 7 — Histórias famosas.
- 8 — A fada loira.
- 9 — Contos da mamã.
- 10 — Para rir e pasmar.
- 11 — Feitos gloriosos.
- 12 — As ideias de Mimi.
- 13 — Proezas dum valentão.
- 14 — Maurício e Beatriz.
- 15 — Os bonecos de Joaquina.
- 16 — O Animatógrafo.